



Departamento de Sociologia

Seniores em rede: motivações para o uso da *Internet* e do Facebook
pelos mais velhos

Ana Catarina Botelho Campos Rebelo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:
Professora Doutora Rita Espanha, Professora Auxiliar
ISCTE- IUL

Setembro, 2013

AGRADECIMENTOS

Á Prof.^a Dr.^a. Rita Espanha, pela permanente disponibilidade e simpatia na orientação científica.

Aos meus Professores e colegas no Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologias da Informação do ICSTE-IUL, por transformarem finais de dia cansados em momentos revigorantes de reflexão e debate.

Aos entrevistados que amavelmente aceitaram participar neste estudo.

A todos os amigos, os que estão perto e os que estão longe, pela inspiração, o apoio, o afecto.

À minha mãe, ao meu pai, por tudo, e ao meu irmão.

Ao Sílvio, pela infinita generosidade. Por fazer da vida uma coisa maior.

RESUMO

O impacto da exclusão digital na sociedade nunca foi tão grande como nos dias de hoje. Uma das suas configurações mais claras é a exclusão digital baseada na idade. A população sénior é afectada em grande proporção pela exclusão digital. Numa sociedade que tem como uma das principais tendências, a par com a crescente mediação da sociedade por tecnologia, o envelhecimento da população, torna-se especialmente importante compreender melhor esta forma de *digital divide*.

É propósito desta dissertação aumentar o conhecimento sobre a relação que os utilizadores seniores estabelecem com a Internet percebendo quais os interesses e motivações dos idosos para a utilização da Internet e do Facebook, os seus usos.

A nossa análise reflecte sobre os fenómenos de exclusão digital, da sociedade em rede e do envelhecimento da população e tenta compreender o que está na origem do afastamento dos mais velhos da Internet. Factores como questões de literacia, limitações biológicas associadas à idade, mas também uma muito referida falta de interesse, são alguns dos principais potenciadores desse afastamento.

Através de um estudo qualitativo que recorre a entrevistas semi-estruturadas a seniores utilizadores da Internet e do Facebook concluímos que, mais do que procurar informação, os mais velhos procuram online acesso a relações e contactos pessoais e às suas memórias. Concluímos também que existe algum desinteresse dos mais velhos pelos conteúdos e contornos da tecnologia que poderá estar relacionado com a partilha geracional de determinados valores e preferências (Colombo e Arnoldi, 2007) que não estão representados na Internet, que é moldada por gerações com mais literacias digitais.

Palavras-chave: população sénior; exclusão digital; Internet; Facebook; sociedade em rede.

ABSTRACT

The repercussions of the digital divide in society are now greater than ever. One of its clearest configurations is the digital divide between young and old people. Senior citizens are affected to a great extent by the digital divide. In a society where one of the main trends, together with the increasing mediation of society through the use of technology, is the aging of the population, it becomes especially important to understand this form of digital divide.

This study is intended to increase knowledge about the relationship between older users and the Internet by understanding what interests and motivations older people have in using the Internet and Facebook, and how they use them.

Our analysis proposes a reflection on the digital divide, the network society and the aging of the population while also trying to understand what keeps older people from using the Internet. Factors such as literacy issues, age related biological limitations, and also an often mentioned lack of interest, are some of the major reasons for this estrangement.

Our qualitative analysis of semi-structured interviews with older Internet and Facebook users concludes that, rather than seeking information online, older people try to get access to personal relationships, contacts and their memories. We also conclude that there is some lack of interest in the content and features of the technology. That lack of interest may be related to the sharing of some generational values and preferences (Colombo e Arnoldi, 2007) which are not represented on the Internet which in turn is mostly shaped by generations that are more digitally literate.

Key-words: old people; digital divide; Internet; Facebook; network society

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I - ENVELHECIMENTO, SOCIEDADE EM REDE E EXCLUSÃO DIGITAL	2
1.1. A Internet e a sociedade em rede: o impacto da exclusão digital.....	2
1.2. Exclusão digital: do acesso ao uso.....	3
1.3. Literacias e literacia digital.....	6
II - POPULAÇÃO SÉNIOR, INTERNET E REDES SOCIAIS	8
2.1. Envelhecimento da população	8
2.2. A idade como factor de exclusão digital?.....	10
2.3. A questão do interesse	13
2.4. Comunidades virtuais, o Facebook – o uso dos Idosos	15
III - ENTERTENIMENTO, MEMÓRIAS E REENCONTROS: OS USOS DA INTERNET E DO FACEBOOK PELOS SENIORES	18
3.1. Conhecer os interesses dos mais velhos online: questões metodológicas	18
3.2. Seniores, Internet e Facebook em Portugal.....	21
3.3. O Facebook e o passado: memórias e reencontros	23
3.4. Sentimento de solidão e necessidade de pertença: motivações para o uso.....	26
3.5. O fascínio pela facilidade de acesso à informação	28
3.6. Relações Intergeracionais.....	29
3.7. O interesse pelos conteúdos	31
3.8. Segurança e confiança	32
3.9. Entretenimento, hobbies.....	33
CONCLUSÃO	35
FONTES	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	I
CV	III

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Utilizadores de Internet, por idade (%)	10
Figura 2 - Famílias com acesso a computador, ligação à Internet e ligação através de banda larga em casa, 2008-2012 (%).....	21

INTRODUÇÃO

A sociedade em rede, em que vivemos, é também uma sociedade envelhecida.

Embora a crescente centralização nas tecnologias da informação e da comunicação e o envelhecimento da população sejam duas das principais tendências sociais, poucos estudos se têm dedicado a analisar a relação da população mais velha com as tecnologias da informação e da comunicação.

Em Portugal, a população sénior apresenta fortes números de exclusão digital. Há um evidente *digital divide* baseado na idade. Tal afastamento, dada a centralidade que a Internet tem hoje em todas as esferas sociais, constitui uma grande desvantagem para esta fatia da população, que tende a ser cada vez maior e cujo papel na sociedade precisa de ser repensado.

Interessa-nos perceber quais as possíveis razões que poderão manter os mais velhos afastados das novas tecnologias da informação e comunicação assim como perceber como decorre a sua aproximação, que tipo de uso fazem.

Alguns estudos têm apontado, além de outros factores, a falta de interesse como uma das razões para a não utilização da Internet pela população sénior (Dias, 2012; Morris, Goodman & Brading, 2007; Selwyn et al, 2003). Julgamos, por isso, ser importante aumentar o campo de conhecimento sobre a temática do ponto de vista do idoso.

É propósito desta dissertação reflectir sobre o fenómeno da exclusão digital baseada na idade assim como analisar a relação que os mais velhos estabelecem com a Internet e a rede social mais abrangente, o Facebook, do ponto de vista dos mais velhos, isto é, das suas motivações interesses e usos.

Começamos por analisar a forma como se entrecruzam os fenómenos do envelhecimento da população e da sociedade em rede com a exclusão digital, tentando reflectir sobre os seus impactos na sociedade.

Debruçamo-nos, depois, na análise de estudos já realizados sobre a população sénior a Internet e o Facebook.

Por fim recolheremos alguns dados empíricos sobre que usos fazem e o que motiva e interessa à população sénior da Internet e através deles tentaremos obter pistas sobre como melhorar as abordagens com vista à inclusão digital dos mais velhos.

I - ENVELHECIMENTO, SOCIEDADE EM REDE E EXCLUSÃO DIGITAL

1.1. A Internet e a sociedade em rede: o impacto da exclusão digital

“It is not just having access to information and knowledge that is important but also being in the right position to use it. Few would consider the outstanding creators and processors of knowledge and information in our society – scientists, information experts and journalists – to be the people in control of it. One thing is for certain: people who do not have the skill to use information belong to the powerless.”

(Van Dijk, 1999: 78).

A Internet é incontornável nas sociedades actuais. Toda a humanidade é, de uma forma ou de outra, afectada por ela.

A Internet foi desenhada para ser descentralizada desde o seu início. As lógicas de descentralização e de liberdade, que estão na sua origem, possibilitaram uma expansão exponencial da Internet e permitem que continue a crescer, ainda hoje (Wellman & Hogan, 2004; Castells, 2004). Tendo origem ligada a finalidades militares (ARPANET), a Internet foi sempre moldada e apropriada pela sociedade, passando pela expansão da world wide web nos anos 90 até àquilo que é hoje: “muito mais do que uma tecnologia, um meio de comunicação, de interacção e de organização social” (Castells, 2004: 205).

Castells (2004) distingue três características necessárias para que a Internet continue a crescer exponencialmente: arquitectura em rede de carácter aberto e descentralizado; protocolos de comunicação e seus desenvolvimentos abertos; e as instituições que regem a Internet seguem princípios de transparência e cooperação.

A Internet é a base tecnológica da rede, e a rede a forma organizacional que caracteriza a Era da Informação (Castells, 2001). Van Dijk afirmava, em 1999, que as redes seriam o sistema nervoso da nossa sociedade futura. De facto, vivemos já numa “sociedade em rede” em que a comunicação e a informação, mediadas por tecnologia, assumem um papel central em todas as esferas sociais.

“A network society is a society whose social structure is made around networks activated by microelectronics-based, digitally processed information and communication technologies. I understand social structures to be the organizational arrangements of humans in

relationships of production, consumption, reproduction, experience, and power expressed in meaningful communication coded by culture.” (Castells, 2009: 24).

Himanen (2001) apresenta o Informacionalismo como o novo paradigma tecnológico, que substitui o industrialismo. Mas o que é novo no Informacionalismo não é o papel central que o conhecimento e a informação desempenham. “What is new is the technology of information processing and the impact of this technology on the generation and application of knowledge” (Himanen, 2001: 159).

As novas formas tecnológicas de gerar e aplicar o conhecimento têm grande impacto quer a nível individual quer colectivo. A sociedade em rede caracteriza-se “em todos os contextos culturais, por um incremento substancial do nível de autonomia e reflexividade dos indivíduos e da sociedade civil” (Cardoso et al, 2005: 293). Por exemplo, a nível individual abrem-se novas possibilidades de atomização dos contextos locais e familiares dos indivíduos, a nível colectivo várias novas possibilidades se abrem a nível do aumento das possibilidades de participação e de fortalecimento da democracia.

No entanto, esta “centralidade da Internet em muitas áreas da actividade social, económica e política converte-se em marginalidade para aqueles que não têm ou possuem um acesso limitado à Rede, assim como para aqueles que não são capazes de tirar partido dela.” (Castells, 2001: 287).

A importância e as potencialidades da Internet em todas as esferas da vida social são proposicionais à exclusão a que estão submetidos aqueles que não podem ou não conseguem usá-la, ou ainda, que não conseguem usá-la de forma a beneficiar das suas potencialidades.

1.2. Exclusão digital: do acesso ao uso

“This has serious social consequences as companies and government agencies place more services exclusively online. Thus, the ‘digital divide’ means that the lack of Internet access and use can increase social inequality”.

(Wellman & Hogan, 2004:391)

As tecnologias de informação e comunicação “também fornecem possibilidades de autonomia para os indivíduos em relação aos seus contextos, sociais e individuais favorecendo a propensão para a fuga ao controlo tradicional e cada vez mais aptos para enfrentar as contradições das sociedades modernas” (Espanha, 2009:2). Viver numa sociedade mediada por tecnologia a nível cultural, económico e social, significa que as pessoas atingidas pela

exclusão digital têm a sua capacidade de participar na sociedade e conduzir os seus destinos reduzida. O que faz com que, na sociedade actual, a exclusão digital seja uma forma séria de exclusão social¹.

O conceito de exclusão digital, também conhecido por *digital divide*, *e-exclusion* ou mesmo info-exclusão, é amplamente discutido e tem vindo a ser alvo de evolução. Inicialmente ancorado numa visão dicotómica e simplista de ter ou não ter acesso físico à tecnologia, o conceito tem-se desenvolvido e ponderado outras variáveis como a capacidade de tirar benefícios desse acesso – o uso - remetendo a questão para a problemática das literacias, em geral, e da literacia dos novos *mídia* ou literacia digital em particular.

Na visão de Castells (2001), como referimos anteriormente, são excluídos digitalmente aqueles que não têm acesso à Internet, possuem acesso limitado ou que não são capazes de tirar partido do acesso à tecnologia. Fuchs (2008) defende que as sociedades modernas são moldadas pela lógica institucionalizada da competição sendo o fosso digital uma expressão dessa lógica de competição, porque dá benefícios àqueles que participam na Internet e priva outros desses benefícios. É um fenómeno de exclusão. Para van Dijk (1999) *digital divide* é a diferença entre aqueles que têm e os que não têm acesso a computadores e à Internet. Pippa Norris (2001) define o conceito como todo e qualquer disparidade dentro da comunidade online. A autora vê a exclusão digital como um fenómeno multidimensional e distingue entre exclusão digital global, exclusão social e exclusão democrática. Jan van Dijk e Keneth Hacker (2003) distinguem quatro barreiras ao acesso: a falta de “acesso mental”, falta de experiência digital elementar; falta de “acesso material”, referindo-se à falta de acesso a computadores e a conexões à Internet; a falta de “acesso às competências”, a falta de competências digitais; e falta de “acesso ao uso”, que significa falta de oportunidades de utilização significativa.

De acordo com Wilson (2004) existem oito aspectos que compõem o *digital divide*: acesso físico (a computadores e outros materiais de TIC); acesso financeiro (custos dos serviços de TIC relativamente ao rendimento); acesso cognitivo (competências digitais); acesso ao design (usabilidade), acesso ao conteúdo (informação e aplicações relevantes disponíveis), acesso à produção (capacidade de produzir conteúdo), acesso institucional (existência de instituições

¹ O conceito de exclusão social provém de uma série de raízes. “Originating in France in the 1970s and diffusing rapidly in Europe, mainly under the patronage of the EU, and more recently in Latin America as an extension of the study of “marginalization”, the frame work is concerned with full participation in all aspects of social life as an end in itself. (...) As the European usage of social exclusion has intensified, it has become a guiding concept in a wide range of research on deprivation and inequalities.” (Daly & Silver, 2008: 539).

de permitam o acesso), acesso político (acesso às instituições governativas). “Effective participation in the information revolution requires that individuals be empowered to gain access to all these forms of access. Concentrating only on a single dimension of access is misleading and ineffective” (Wilson, 2004:333). Para Wilson (idem), as variáveis demográficas mais determinantes no acesso à Internet são rendimento, educação, idade, género e uma localização rural ou urbana. “ICT services are most used by young, urban, affluent, well-educated urban males” (Wilson, 2004).

Para Fuchs (2008) os padrões de estratificação da exclusão digital são, por um lado, hierarquias sociais como idade, status familiar, habilidade, género, origem, etnia, língua e geografia (rural/urbano). Por outro lado, padrões desiguais de acesso material, como capacidade de utilização, benefícios e participação nas TIC. Estes são também resultado da distribuição assimétrica de capital económico, político e cultural (Fuchs, 2008).

O acesso às tecnologias de informação e comunicação é “condição necessária para a participação numa sociedade assente na informação enquanto bem universalmente valorizado cultural, social e economicamente, mas também noutros níveis menos perceptíveis numa primeira análise, nomeadamente no que diz respeito às assimetrias nas condições de acessibilidade, produção e recepção.” (Paquete de Oliveira et al, 2004:72).

DiMaggio e Hargittai (2001) defendem que haverá um momento em que o acesso à tecnologia já não contribuirá significativamente para as desigualdades sociais porque, segundo os autores, quase todas as pessoas terão acesso à Internet. “But would this mean that the “digital divide” had been overcome, in the sense that equality of access to the benefits of the Internet would have been achieved?” (DiMaggio and Hargittai, 2001:6). Witte and Mannon (2010:148) pensam que não: “Achieving universal Internet access is not enough to end existing forms of Internet inequality.”.

Apesar de em Portugal e em muitos outros países a questão do acesso estar ainda longe de estar ultrapassada², a verdade é que o acesso às tecnologias da informação e comunicação, por si, não promovem a inclusão das pessoas que estão excluídas das “technical skills, status

² Dados do Relatório “A Sociedade em Rede. A Internet em Portugal”, de 2012, desenvolvido pelo OberCom, mostram que em 2010 ainda existiam 43% de agregados domésticos sem acesso fixo à Internet, num país onde “o agregado doméstico é o principal ponto de acesso à Internet”. O mesmo estudo diz-nos que 50% da população Portuguesa não era utilizador da Internet, 47,1% das quais nunca tinha utilizado a Internet. É nos escalões etários superiores que se encontra a maioria dos não utilizadores: nas pessoas com 65 anos ou mais a taxa de não utilizadores é de 93,9 por cento; e nas pessoas entre 55-64 anos há 70% de não utilizadores. Não ver utilidade/interesse e não saber o suficiente para usar foram as duas principais razões atribuídas à não utilização.

markers, and content structures that are fast becoming key institutional features on the Internet age” (Witte and Mannon, 2010:144).

Com o surgimento da Internet as suas potenciais consequências sociais foram exacerbadas quer por visões optimistas quer por pessimistas e tecnologicamente determinísticas. Mas Witte and Mannon (2010) conseguem reconhecer um “potencial de igualdade da Internet” que dá sentido ao objectivo do acesso universal. E para Castells (2011: 56) os vários extractos que compõem a cultura da Internet, “contribuem para uma ideologia da liberdade muito generalizada no mundo da Internet”. Apesar destes autores, distantes das iniciais utopias e distopias à volta desta tecnologia, verem um potencial de igualdade e reconhecerem uma ideologia de liberdade generalizada pelos seus primeiros utilizadores, a estrutura da Internet desenvolveu-se em diálogo com as desigualdades económicas e sociais. (Witte and Mannon, 2010: 156). Desta forma, não só reproduz essas desigualdades, como as exacerba (Shelley et al, 2006; Witte and Mannon, 2010; Castells, 2001).

1.3. Literacias e literacia digital

As literacias em geral e a literacia digital em particular, a falta delas, são, concomitantemente com o acesso, centrais quando falamos de exclusão digital.

“Although Internet access steadily expands, the ability to take advantage of that increasing access hinges on information technology literacy (ITL) levels among citizens. Structural inequality is reproduced as social factors intersect with infrastructural barriers to IT access. The lack of access and the desire to use IT among economically disadvantaged racial and ethnic minorities exacerbates their ability to function as citizens in a democratic society.” (Shelley et al, 2002: 258).

Hoje, quando falamos de literacia, não falamos do mesmo do que falávamos antes das tecnologias da informação e da comunicação terem ocupado um papel central no dia-a-dia das sociedades actuais. Sonia Livingstone (2003: 2) identifica dois aspectos relevantes dessa mudança: “(...) first, that literacy is not simply a feature of the user but that it is medium dependent, a co-production of the interactive engagement between technology and user; a second, that the literacy associated with the use of new media, especially the Internet, is significantly different from that of print and audiovisual media.”. Isto é, para ser um utilizador proficiente dos novos meios de comunicação são necessárias novas literacias para além das que são requeridas para os media tradicionais. E a literacia para os novos média não está centrada apenas no utilizador, ela depende também do meio que se utiliza, da tecnologia. É

por isso que Livingstone defende que o conceito complexificou-se e que já não falamos tanto de literacia mas sim de literacias.

A capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos é a definição de literacia para os *mídia* utilizada por Sónia Livingstone (2004). No que diz respeito ao acesso não é um acto sem continuidade. As condições sobre as quais se dá o acesso evoluem continuamente (a nível de hardware e software) e necessitam de uma actualização constante. As competências analíticas são também essenciais para compreender as mensagens e as tecnologias. Mas há poucas vantagens em ter acesso e capacidade de análise se esta não for conjugada com a capacidade de avaliação. E a criação de mensagens torna-se especialmente importante quando pensamos na Internet. O acesso à criação de mensagens por todos os utilizadores é um dos grandes potenciais do meio, e não a incluir na definição seria excluir uma importante potencialidade desta tecnologia (idem).

Para além da noção de literacia digital, o conceito de “fluência digital”, introduzido pelo 1999 National Research Council (NRC) Report, abriu uma nova perspectiva, sublinhando a importância da capacidade de adaptação e de auto-aprendizagem ao longo da vida quando se fala de literacia dos novos *mídia*. “The 1999 National Research Council (NRC) Report, Being Fluent With Information Technology, challenges researchers to look beyond a reductive skills-based notion of computer literacy. Invoking fluency in place of literacy the report called for a higher baseline level of IT competency that creates the ability for lifelong independent learning and adaptation, and broadens the scope of cognitive development.” (Shelley et al, 2002: 258).

Embora a questão do acesso não seja ainda, em sociedades como a Portuguesa, uma questão irrelevante, a verdade é que as literacias para utilizar, a capacidade de utilizar e de tirar vantagem da utilização do computador e da Internet parecem ser dos maiores problemas que as políticas de inclusão digital enfrentam nos dias que correm.

Ao contrário do acesso, a noção de literacias não é uma questão binária, ela não alterna entre ter ou não ter literacias. Existem sim diferentes gradações de literacias, e portanto diferentes tipos de uso e capacidades de tirar partido dos novos *mídia*. (Warschauer, 2004). E é por isso que perceber como as pessoas acedem à Internet, que uso fazem dela e que benefício tiram desse uso é vital para perceber as desigualdades da Internet (Witte and Mannon, 2010).

II – POPULAÇÃO SÉNIOR, INTERNET E REDES SOCIAIS

2.1. Envelhecimento da população

Esta sociedade que tem a Internet como um meio de comunicação, interacção e organização social (Castells, 2001) é caracterizada por outra forte tendência: o envelhecimento da população. E a sociedade portuguesa segue de forma clara esta tendência. “O envelhecimento da população é hoje um dos fenómenos demográficos mais preocupantes nas sociedades modernas. O agravamento do envelhecimento da população [portuguesa] tem vindo a ocorrer de forma generalizada em todo o território e deixou de ser um fenómeno localizado apenas no interior do país (...). Em 2011, o índice de envelhecimento da população agravou-se para 128 (102 em 2001), o que significa que por cada 100 jovens há 128 idosos.” (INE, 2012)³.

Em Portugal, este processo tem sido especialmente rápido: “Em 1980, Portugal apresentava uma população menos envelhecida do que a maioria dos actuais países da UE. Hoje, é um dos países mais envelhecidos do espaço europeu e, como tal, do mundo.” (Rosa, 2012: 16).

As causas do envelhecimento populacional estão genericamente relacionadas com aumento das condições de saúde, melhoramento das condições de vida, assim como como o declínio das taxas de mortalidade e de natalidade.⁴ (Neves & Amaro, 2012).

Não existe uma ideia consensual e universal da idade concreta a partir da qual possamos a definir uma pessoa como idosa. A maioria dos países Europeus utiliza 65 anos e mais, enquanto que a Organização Mundial de Saúde e as Nações Unidas usam os 60 anos como a idade a partir da qual se define a categoria de idoso (idem).

O processo de envelhecimento é também um processo subjectivo. Os processos de envelhecimento são bastante variáveis entre as pessoas. Indivíduos com a mesma idade cronológica podem estar a passar por diferentes estados mentais e psíquicos. (Neves &

³ Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (2012), “na última década agravou-se o fosso entre jovens e idosos. A percentagem de jovens recuou de 16% em 2001 para 15% em 2011. Na população idosa assistiu-se ao movimento inverso tendo passado de 16% em 2001 para 19% em 2011.” (...) “A estrutura etária da população em 2011 acentuou os desequilíbrios já evidenciados na década passada. Diminui a base da pirâmide, a qual corresponde à população mais jovem e alarga-se o topo com o crescimento da população idosa.”

⁴ No caso português será interessante recolher os números recentes relativos ao fluxo migratório de jovens que saem do país para encontrar trabalho, e perceber qual será o seu impacto no fenómeno do envelhecimento populacional.

Amaro, 2012). “To tackle the heterogeneity of chronological aging, other indicators emerged.” (idem). Neves e Amaro (ibidem) apresentam os seguintes indicadores: a idade funcional (capacidades físicas e cognitivas); a idade percebida (pelos outros e pelo mesmo); idade social (experiências: reforma/trabalho) e idade cognitiva.

Rosa (2012) distingue dois conceitos de envelhecimento: o envelhecimento individual e o envelhecimento colectivo. No envelhecimento colectivo inclui as noções de envelhecimento demográfico, ou da população, e envelhecimento societal, ou da sociedade. Para a autora (2012: 24) “a marca visível do envelhecimento societal é a de uma sociedade deprimida, que se sente “ameaçada” com a sua própria evolução etária e com as mudanças que em si acontecem.”.

A velhice, cada vez mais, constitui “uma etapa normal da existência, uma nova fase do ciclo de vida, e que, para muitos, de inicia com a entrada na inactividade” (Mauritti, 2004:343). Para Dias (2012: 55), “a teoria da modernização alimentou, pelo menos até aos anos 80 do século passado, os discursos negativos da velhice, que sublinhavam principalmente a iliteracia científica e tecnológica dos idosos nas sociedades contemporâneas, a par das situações de pobreza, isolamento social, doença e dependência em que muitos se encontram.”.

Mauritti (2001) identifica, nas sociedades actuais, dois tipos de discursos dominantes sobre a velhice, por um lado os discursos da velhice negativa que sublinham essencialmente situações de pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência e, em oposição a este, um discurso onde os idosos são projectados como segmentos específicos de consumos, associando a velhice a um tempo de lazer, de liberdade e de auto-aperfeiçoamento. A par destas representações surge o conceito de envelhecimento activo. “Nestas representações, que se consolidam ao longo da década de 1990 e que se vêem reforçadas na 2ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovida pela ONU (...) procura-se promover a integração social e laboral dos idosos.” (Mauritti, 2001: 341).

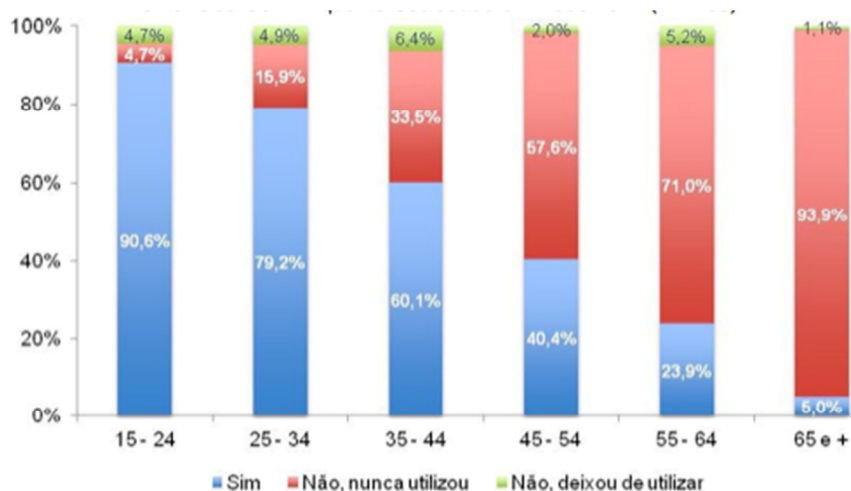
Para Rosa (2001) o principal problema destas sociedades não é tanto o envelhecimento da população, mas a dificuldade que as sociedades têm de se ajustarem a esta mudança demográfica. Para a autora há, “de uma forma mais ou menos explícita, uma efectiva discriminação dos mais velhos, no mundo produtivo em geral e no mercado de trabalho em particular” (Rosa, 2001: 42), que se deve especialmente à desactualização dos conhecimentos, em particular associada às novas tecnologias. Também Dias, (2012:54) considera que o “progresso científico e tecnológico veio despojar as pessoas idosas dos seus papéis e do prestígio social que as rodeava nas sociedades ditas tradicionais”.

Rosa (2001:42) defende que é preciso mudar essa postura em relação aos idosos: “É preciso ter a noção de que a população continuará a envelhecer e perceber que o problema da sociedade portuguesa não é o do envelhecimento da sua população mas antes o da incapacidade de pensarmos de modo diferente perante uma estrutura populacional que tem outros contornos, porque envelhece.” (Rosa, 2012:81).

2.2. A idade como factor de exclusão digital?

Em Portugal, tal como noutras sociedades ocidentais, existe um claro fosso digital entre as faixas etárias mais jovens e as faixas etárias mais velhas. De acordo com dados disponibilizados num estudo do Obercom (2012), em 2011, 90,6 % da população com idades, entre os 15 e os 24 anos eram utilizadores da Internet, em comparação com os utilizadores com 65 anos ou mais, que são apenas 5%. Na faixa etária entre os 55 e os 64 anos apenas 23,9% da população utilizava Internet.

Figura 1 - Utilizadores de Internet, por idade (%)



Fonte: OberCom. A Sociedade em Rede em Portugal 2012 – A Internet em Portugal

A população sénior é, por isso, um dos grupos onde se pode encontrar fortes incidências de exclusão digital, de que falámos anteriormente.

“While we might question whether demographic categories are the most useful way to track Internet use, it’s clear that these categories are dominant in conversations about the digital divide.” (Ito, 2001:1).

Mas, será a idade um factor de exclusão digital?

“(…) For some authors ‘even after controlling for potential confounding variables (income, occupation and education)... it appears that age does have important influences on technology adoption and sustained usage decisions’ (Morris and Venkatesh 2000:392)” (Selwyn et al, 2003:5).

Loos (2012:1), num estudo sobre a sociedade holandesa, defende que os cidadãos holandeses, novos e velhos, mais do que enfrentarem um fosso digital baseado na idade, estão espalhados naquilo que chama de “digital spectrum”. Defende que a divisão feita por Prensky (2001) entre nativos e “imigrantes digitais” parece não existir na sociedade holandesa, pelo menos no que diz respeito ao comportamento de procura de informação. Prensky (2001) introduz o conceito de “imigrantes digitais”, a propósito do debate em torno do declínio da educação nos Estados Unidos da América, que justifica com a mudança radical dos estudantes. Essa mudança relaciona-se com o facto de os alunos actuais serem nativos digitais, isto é “‘native speakers’ of the digital language of computers, video games and the Internet.” (Prensky, 2001:1). Em contraponto ao conceito de nativo digital, Prensky (2001) introduz o conceito de imigrante digital, os professores destes alunos, e todos aqueles que não nasceram no mundo digital, mas que foram introduzindo as novas tecnologias depois nas suas vidas. De acordo com Prensky (2001:2), “as digital immigrants learn – like all immigrants, some better than others – to adapt to their environment, they always retain, to some degree, their ‘accent’, that is, their foot in the past.”.

Loos (2012:1) defende que não é apenas a idade, mas também as fases da vida, a socialização, limitações funcionais relacionadas com a idade, que desempenham um papel neste fenómeno. “The danger of erroneously using age as the ultimate explanatory variable also arises in empirical studies on the information search behavior of senior citizens with the help of old and new media. To avoid this, attention should also be given to such variables as sex, educational level and frequency of Internet use when conducting empirical research in this area” (Loos, 2012: 8).

Loos (2012) questiona a visão dos idosos como um grupo homogéneo, sendo que as diferenças individuais aumentam quando aumenta a idade das pessoas. Admite, no entanto, que é claro que a tendência da população a envelhecer e os países a tornarem-se mais digitalizados “poses dangers for people, such as senior citizens, who have problems using such new media” (Loos, 2012:3). Mas acredita que o problema é, acima de tudo, um problema de literacias.

De facto, na sociedade portuguesa, as gerações mais velhas estão fortemente associadas a um baixo nível de literacias: “Portugal tem, no contexto europeu, e também por referência aos

países da OCDE, uma das mais elevadas taxas da população adulta com níveis de escolaridade abaixo do ensino secundário” (Ávila, 2008: 307).

Mas será apenas a literacia que estabelece esta forte divisão digital entre mais novos e mais velhos? Para Loos (2012), para além das variáveis que afectam o acesso e uso desigual da Internet nas várias faixas etárias, como o género, as literacias e a frequência do uso da Internet, existem factores relacionados com a idade que podem explicar este fosso digital baseado na idade. No caso de sociedades como a portuguesa, temos que acrescentar a estes factores transversais o nível de rendimento.

“There are senior citizens who cannot or do not wish to use the Internet (so-called “non-liners”) because they are afraid of trying something new and making mistakes; at the same time, the costs, unfamiliarity with possibilities of this medium and emotional motives, such shame, performance anxiety and loss of face may well also play a role.”(Loos, 2012:3). Mas Loos realça sobretudo limitações funcionais, adoptando o termo de Haethorn (2003), “age-restricted users”: “Biological developments during the life course affect our media use. Exemples include age-related functional limitations owing to declining visual, hearing, cognitive and motor functions.”(Loos, 2012:10). É por isso que destaca a importância de ter em mente as possíveis limitações funcionais destes age-restricted users na altura de pensar o design das novas tecnologias, introduzindo o conceito de “dynamic diversity” (Loos, 2012:15). “Future policy should therefore be targeted at ensuring the availability of simple accessible information sources for citizens, whether young or old, who are unable or unwilling to use the new media. In other words a multichannel approach is essential” (Loos, 2012:12).

A forma como as tecnologias são concebidas e desenhadas não têm em mente a diversidade social. “The continual evolution and updating of new technology and software (known as churn”) has also been argued to cause difficulties for older adults (Rousseau and Rogers 1998; Westerman et al. 1995), as the fact that many technological artefacts and applications are not designed with older users in mind.” (Selwyn et al, 2003).

Apesar das variáveis que dificultam o acesso da população sénior às novas tecnologias digitais, e em especial à Internet - sejam elas variáveis transversais a todas as faixas etárias, mas que, por efeitos de geração, têm maior incidência na população mais velha, como é o caso da literacia, ou variáveis biológicas intrínsecas ao próprio factor idade – são muitos os benefícios apontados ao uso da Internet pelos mais velhos. No entanto há outro factor que se interpõe neste caminho: o interesse.

2.3. A questão do interesse

Apesar de vários autores salientarem as vantagens que a utilização da Internet pelas pessoas mais velhas pode ter na melhoria das suas condições de vida (Dias, Neves, Morris), a falta de interesse é, para além do acesso e das literacias – mas intrinsecamente relacionada com elas -, uma das razões mais apontadas para a não utilização, nos estudos sobre o uso da Internet pela população sénior.

Neves, Amaro & Fonseca (2013) destacam os benefícios sócio-económicos do acesso à Internet pelos mais velhos, como a redução do isolamento social e o melhoramento da vida quotidiana através de acesso facilitado a serviços como o de pesquisa, banco e compras.

O acesso a informação de saúde através da Internet também seria um potencial de melhoramento da qualidade de vida dos idosos, uma vez que apresenta “diversas vantagens em termos de comunicação efectiva sobre saúde” (Espanha, 2009: 78), se comparada com os *mídia* tradicionais. “Essas vantagens incluem, entre outros, o acesso melhorado a informação de saúde personalizada, acesso a informação e aconselhamento on demand, conteúdos mais facilmente actualizados e um maior leque de escolha para o utilizador” (idem). No entanto a população idosa apresenta uma baixa utilização da Internet também para pesquisa sobre conteúdos de saúde⁵. “Os escalões etários onde a proporção deste tipo de prática é mais elevada não são exactamente os que em princípio teriam mais problemas de saúde mas antes os que detêm competências na utilização deste tipo de ferramentas tecnológicas.” (ibidem).

Além dos anteriores benefícios, Dias (2012:64) aponta ainda a possibilidade de acesso a actividades culturais e recreativas, sobretudo pelos segmentos mais vulneráveis, e também o fomento das solidariedades intergeracionais “tanto na família como nos diversos contextos sociais”. Apesar de todas estas possibilidades e benefícios, vários estudos mostram uma baixa predisposição e interesse entre os mais velhos para o uso da Internet (Dias 2012; Morris, Goodman & Brading 2007; Selwyn et al 2003).

A tecnologia é moldada e determinada socialmente e o conteúdo das novas tecnologias também pode constituir uma barreira a nível de interesse para a população sénior. “O facto de o aumento da Internet ter tido lugar em condições de desigualdade social no acesso no mundo inteiro pode ter consequências duradouras na estrutura e conteúdo do meio, de um modo que ainda não podemos compreender totalmente (...). Assim, é possível que os primeiros

⁵ De acordo com um estudo da Marktest (Espanha, 2009), com dados relativos ao ano de 2007, apenas 0,9% da população com 64 anos ou mais costumava pesquisar na Internet informação sobre saúde. Na faixa etária dos 55 aos 64 apenas 7,6% das pessoas o faziam. No entanto, na faixa etária dos 25 aos 34 anos, 28,5% das pessoas costumavam pesquisar informação sobre saúde online.

utilizadores tenham modelado a Internet para aqueles que se incorporaram depois, tanto em termos de conteúdo como de tecnologia.” (Castells, 2001:296). O facto da utilização dos novos *mídia* feita por esta faixa da população ser reduzido ou, muitas vezes, situar-se a um nível de utilização básico - geralmente são receptoras do conteúdo das tecnologias e raramente estão envolvidas na produção dos conteúdos - também pode explicar a dificuldade que as pessoas mais velhas têm em encontrar interesse na tecnologia, em partilhar os seus valores e a sua cultura.

As tecnologias da informação e da comunicação moldam e são moldadas pela sociedade (Silverstone & Hirsch, 1992), num processo domesticação da tecnologia. “Consumption is a transformative and transcendent process of appropriation and conversion of meaning.” (Silverstone & Hirsch, 1992: 4).

O conceito de domesticação refere-se aos processos de aceitação, rejeição e uso da tecnologia (Lee et al, 2009). De acordo com Silverstone (2003) o processo de domesticação estabelece-se em quatro fases: apropriação, objectificação, incorporação e conversão. Isto é, o consumo/uso de uma tecnologia não é apenas determinada pelas características da própria tecnologia. Essas características são também apropriadas, objectificadas, incorporadas e convertidas pelo uso que delas é feito no dia-a-dia. “Technologies are both shaped and shaping” (Silverstone et al, 2003:26). De facto, a Internet não é uma experiência distinta do resto da vida e não é ela que determina a natureza da comunicação (Wellman & Hogan, 2004).

A identidade geracional pode também influenciar a relação que um individuo estabelece com os *mídia*. Colombo e Arnoldi (2007) defendem que a pertença a uma determinada geração pode ser uma variável condicionante da identidade e que pode funcionar quase como uma subcultura na forma de consumo dos *mídia*, ou no caso dos novos *mídia*, nas formas de produção e consumo. “To this generational identity belong values, ideals, configurations of taste and sensibility, constellations of preferences that we could probably call, with Bourdieu (1979), *habitus*, that is a system of durable dispositions to act and choose, not strictly prescribed by formal rules, for example in the field of civic participation, of material or cultural consumption, of leisure” (Arnoldi, 2011:55). Para Colombo e Arnoldi (2007), esta identidade geracional forma-se na convergência de factores objectivos – como acontecimentos históricos, condições sócio-culturais, sistemas e conteúdos educacionais, fases de desenvolvimento do sistema dos *mídia* e panorama cultural – com factores subjectivos – como a sua experiência em determinado contexto durante a fase da adolescência, ter a mesma idade, a sedimentação de uma memória colectiva e um sentimento

comum de pertença. Assim, os gostos, sensibilidades, valores, ideais e preferências das gerações mais velhas podem não estar reflectidas quer nos conteúdos quer na tecnologia presente na Internet levando ao seu desinteresse pela tecnologia.

No entanto, a falta de interesse mostrada por uma grande parte da população idosa face à Internet pode relacionar-se também com uma fraca capacidade de domesticação, de adaptação da tecnologia ao seu dia-a-dia, às suas necessidades, aos seus hábitos.

Logo, “incluir, tecnologicamente, significa apreender o discurso da tecnologia, não apenas na óptica de execução e de qualificação, mas também na perspectiva de os sujeitos serem capazes de influir sobre a importância e finalidades da própria tecnologia digital.” (Dias, 2012:59).

2.4. O Facebook – o uso dos Idosos

Debruçando-se sobre as questões relacionadas com as comunidades virtuais, Castells (2001:151) conclui que “a Internet parece ter um efeito positivo na interacção social e tende a aumentar o grau de exposição a outras fontes de informação”. Wellman (citado por Castells, 2001:157) define comunidades como “redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um sentimento de pertença e uma identidade social”. E defende que as comunidades virtuais “são também comunidades, isto é, geram sociabilidades, relações e redes de relações humanas, não sendo, porém idênticas às comunidades físicas”. (Castells, 2004: 216).

Em contraponto com Loos (2012) que analisa a relação dos idosos com a Internet centrada na questão do acesso à informação, Ito et al (2001) fazem uma análise da exclusão digital dos idosos a partir da questão da filiação social, do sentimento de pertença. “Social affiliation is increasingly recognized as a relevant feature of Internet access, but the digital divide debate is anchored in a model of information access as one of the primary goals and benefits of being online.”(Ito, 2001:2). “People on the net are not only looking for information; they are also looking for affiliation, support, and affirmation.” (idem).

Um estudo realizado por Erickson (2011), sobre a forma como os mais velhos utilizam a rede social Facebook, conclui que esta rede social online facilita a conexão dos seniores às pessoas mais queridas, e pode indirectamente facilitar o vínculo de capital social. A chamada de atenção gerada via Facebook leva muitas vezes à partilha e à recepção de suporte emocional através de outros canais (Erickson, 2001:5).

Erickson (idem) aponta a falta de confiança como a razão mais forte para as pessoas mais velhas não usarem o Facebook. Falta de confiança não nas pessoas com quem poderiam

contactar mas na natureza pública do Facebook. “Overall, this group was hesitant to share their personal information online. While all commented they trusted the individuals they communicated with, they hesitated to share information due to their limited understanding of the technology and the open nature of Facebook.” (Erickson, 2001:4).

A confiança parece ser bastante relevante no relacionamento dos mais velhos com a Internet. O que é a confiança nas sociedades actuais e como é produzida? “Trust seems to be something that is produced individually by experience and over time and cannot be immediately and with propose be produced” (Powell, 2008:5). Para Beck (1991), a confiança é cada vez mais produzida activamente pelos indivíduos do que garantida institucionalmente, num contexto de erosão das instituições tradicionais e de relativização do conhecimento científico. Giddens (1991) vê o risco como a principal característica de uma sociedade que perde o foco da sua confiança nos laços tradicionais e valores sociais. “A confiança é, portanto, conquistada e sustentada pela ordinariiedade da vida de todo dia e pelas consistências da linguagem e da experiência.” (Silverstone, 1999).

O estudo de Erickson (2001) mostra que as pessoas mais velhas não vêm esta rede social como um local apropriado para conversas particulares. O Facebook é visto pelos idosos deste estudo como uma plataforma para ficar a saber novidades (geralmente de forma passiva), para se manterem em contacto e monitorizar a situação: “The ability to keep up with what was going on in the lives of others was the biggest benefit of Facebook. Facebook friends consisted primarily of immediate family (i.e. grandchildren and siblings) and extended family (i.e., nieces, nephews, and cousins) as well as a few close friends all of whom participants had met before.” (Erickson, 2001:4).

Portanto, mesmo os idosos que usam o Facebook, usam-no com algum receio e de uma forma algo passiva. “While Facebook did provide connections to loved ones, it was not the forum for significant interaction.” (Erickson, 2001:5).

Erickson (idem) recomenda que as comunidades online que tenham interesse em aumentar a participação dos seniores, deverão prestar especial atenção às questões de privacidade.

Alguns dos entrevistados num estudo realizado por Selwyn et al (2003), explicaram a sua adopção de tecnologias da informação e da comunicação pela simples vontade de se manter em contacto com o computador, reflectindo a sua percepção da importância da sociedade da informação. “Other interviewees expanded upon this sense of keeping up-to-date in terms of the perceived usefulness of ICT for their near future – especially in terms of maintaining independence in the face of the reduced financial security and reduced mobility associated with old age.” (Selwyn et al, 2003:16).

Em muitos casos, a adopção do computador e da Internet resultou do encorajamento por parte dos filhos que queriam que os seus pais utilizassem o computador. As relações intergeracionais não só são fortalecidas através do uso das novas tecnologias como são fomentadoras do uso da Internet pelos mais velhos (Selwyn et al, 2003).

Estes estudos mostram que a questão da exclusão digital dos mais velhos não fica resolvida com o acesso. Mesmo a população sénior que utiliza a Internet e as redes sociais tem uma utilização débil destas ferramentas e não consegue usufruir de muitas das vantagens destas tecnologias. “A lot of ‘older adults’ computer use is more basic and mundane than the silver surfer discourse suggest.” (Selwyn et al, 2003:23).

“Indeed, older people are far more likely to be “on the receiving end” of new technologies than to be involved in their creation (Arnold & Faulkner, 1985).” (Selwyn et al, 2003:26).

É por isso que Selwyn et al (idem) defendem que em vez de tentar mudar os mais velhos, a população sénior deveria ser envolvida na mudança das TIC, para que esta se torne mais atractiva, interessante e útil para muitos seniores.

III - ENTERTENIMENTO, MEMÓRIAS E REENCONTROS: OS USOS DA INTERNET E DO FACEBOOK PELOS SENIORES

3.1. Conhecer os interesses dos mais velhos online: questões metodológicas

Ao procurar compreender melhor a relação que as pessoas mais velhas estabelecem com as novas tecnologias e as motivações que levam a que uma pequena fatia da população mais velha utilize a Internet e o Facebook, pretendemos contribuir para aumentar este campo do conhecimento tentando responder, principalmente, à seguinte pergunta:

Quais as motivações para o uso da Internet e do Facebook pela população portuguesa mais velha?

Ao abordarmos especificamente o Facebook – a rede social actualmente mais abrangente – pretendemos perceber qual o impacto que as redes sociais online podem ter no fortalecimento de laços pessoais dos mais velhos na rede.

Ao propormo-nos a estudar os interesses, motivações que levam os mais velhos a utilizar a Internet e o Facebook não estamos a pensar nos idosos como um grupo homogéneo, como adverte Loos (2012). Se é verdade que nenhuma faixa etária pode ser estudada como um grupo homogéneo, as pessoas idosas têm todo um percurso de vida que as distingue e diversifica ainda mais. Há, no entanto, características comuns como questões geracionais, as condições biológicas associadas a esta fase da vida nas quais podemos basear estas análises, tendo sempre em atenção a complexidade do nosso objecto de estudo e a condicionante de que falámos anteriormente.

Nas pesquisas e leituras que fizemos, percebemos que existem poucos estudos sobre a temática. Percebemos também que, para além de outros factores, o afastamento da população sénior da utilização da Internet dá-se, muitas vezes, por uma falta de interesse. Esta falta de interesse, vimos também nas nossas leituras, pode estar relacionada com a falta de vontade de iniciar uma aprendizagem que pode parecer demasiado complexa, mas também com o tipo de uso que os cada vez mais idosos que utilizam Internet fazem desta tecnologia: uma utilização passiva, que não produz mensagens, não se apropria e por isso não transforma a Internet. Essa possível pouca “representatividade” online da cultura e valores geracionais partilhados pela população sénior encaminha-nos, neste estudo, para a necessidade de obter respostas o menos espartilhadas possível sobre o que realmente interessa e motiva a população sénior na Internet e nas redes sociais, como estão e o que os faz estar online.

Temos então como preocupações essenciais perceber as perspectivas, experiências individuais e a diversidade dos participantes. A estratégia ao nosso alcance mais apropriada

para cumprir os nossos objectivos é, por isso, uma estratégia indutiva, utilizando a metodologia qualitativa através da entrevista semi-estruturada.

Sendo o objectivo do nosso estudo explorar a experiência e percepção individual de cada participante de modo a obter novos dados que nos permitam ganhar um maior entendimento do fenómeno (Glesne, 1998:31), optámos por fazer entrevistas semi-directivas, de modo a não condicionar os entrevistados a conceitos já ponderados anteriormente. Abrindo, assim, portas para a possibilidade de adquirir novos conhecimentos sobre o tema e que possam vir a abrir novas perspectivas e motivar novos estudos dentro da temática. “Semi-structured interviews, in particular, have attracted interest and are widely used. This interest is linked to the expectation that the interviewed subjects’ view-points are more likely to be expressed in a relatively openly designed interview situation than in a standardized interview or a questionnaire”. (Flick, 1998:76).

O conceito de idoso em Portugal é, em muitos estudos, principalmente nos do Instituto Nacional de Estatística (INE), estabelecido a partir dos 65 anos, “idade a partir da qual o peso de inactivos-reformados ultrapassa o conjunto de indivíduos inseridos na actividade” (Mauritti, 2004:343). No entanto, e tal como Mauritti (2004), incluímos nesta abordagem indivíduos com idade inferior, neste caso, a partir dos 60 anos, desde que estejam reformados, em inactividade. “Localiza-se nesta faixa etária [55-65] uma proporção expressiva de indivíduos já em situação de inactividade, seja na sequência de uma antecipação da reforma, seja, no caso sobretudo das mulheres, pelo peso de domésticas” (Mauritti, 2004:343).

Dias (2012:73) identificou que uma relação entre idade (diferença entre idosos mais velhos e idosos mais novos) e o género (homens e mulheres) afecta a relação com as novas tecnologias da informação e comunicação. A literacia, o nível de escolaridade parece ser também um factor importante no tipo de relação que os mais velhos têm com a tecnologia. O género e o nível de literacia parecem-nos determinantes no tipo de uso que os mais velhos fazem da Internet. Tivemos em conta estes factores para a recolha da nossa amostra, o que nem sempre foi fácil devido aos constrangimentos de tempo em que se desenrola este estudo. Devido a esses constrangimentos, a nossa amostra foi escolhida por conveniência, e é composta por indivíduos, residentes na área de Lisboa, aos quais conseguimos chegar através de contactos pessoais. Não tínhamos tido, ainda assim, qualquer contacto com os indivíduos entrevistados antes deste estudo.

Decidimos entrevistar quatro indivíduos com mais de 60 anos, em inactividade, utilizadores da Internet e do Facebook, dois do género feminino e dois do masculino. Apesar de tentarmos diversificar o grau de escolaridade dos indivíduos entrevistados, revelou-se

difícil encontrar testemunhos utilizadores da Internet e com perfil no Facebook com mais baixos níveis de escolaridade. Por isso, o nível de escolaridade nos nossos entrevistados não é tão diversificado como se desejava. Ainda assim, varia entre o 5º ano antigo (9º ano actual) e o 3º ano da Licenciatura de Direito.

Os perfis dos entrevistados são os seguintes:

Perine, 71 anos, 5º ano antigo;

Maria, 64 anos, 3º ano de Licenciatura;

Manuel, 60 anos, 7º ano antigo;

Paulo, 63 anos, 5º ano antigo.

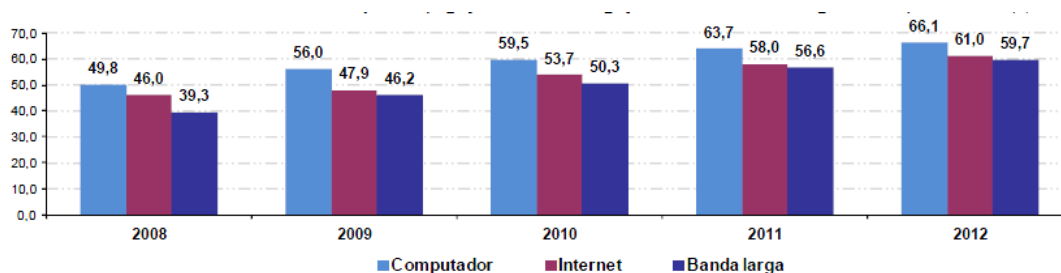
As entrevistas foram realizadas em locais públicos próximos das residências dos entrevistados e gravadas em áudio, sob autorização dos visados.

Deixamos aqui registadas duas impressões que nos ficaram, em geral, do subjectivo “acto de entrevistar” (Rebelo, 2011:21). Impressões que não são possíveis de serem apreendidas nos transcritos das entrevistas e que contêm toda a “preciosa informação não-verbal” (Accardo citado por Rebelo, 2011:21) que é própria de interacções presenciais, através de gestos, expressões faciais, posturas e poses. Pudemos perceber, nos seniores com quem falámos, alguma satisfação ou até orgulho, em contar a sua experiência com a Internet, factor que pensamos pode ter influenciado algumas respostas, nomeadamente as relacionadas com o receio, confiança e segurança em relação à Internet. Outra das sensações que os entrevistados deixaram, de forma geral foi um sentimento de surpresa quando se apercebiam que estavam a ser entrevistados no âmbito da sua integração na categoria de seniores.

3.2. Seniores, Internet e Facebook em Portugal

Apesar de lentamente, a penetração de computadores e Internet nos lares portugueses está a crescer. O acesso à Internet em agregados domésticos subiu, como mostra a Figura 2, de 46% em 2008, para 61% em 2012. O que significa, no entanto, que 39% das famílias em Portugal ainda não têm acesso à Internet em casa.

Figura 2 - Famílias com acesso a computador, ligação à Internet e ligação através de banda larga em casa, 2008-2012 (%)



Fonte: INE. Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2012

Relativamente à utilização da Internet pelos portugueses, dados do Obercom (2012) mostram que em 2011 a maior parte da população, 51%, não utilizava a Internet. Um estudo do INE (2012) que se refere a pessoas entre os 16 aos 74 anos, revela que 60,3% das pessoas entre estas idades, utilizavam a Internet em 2012, em comparação com 41,9% em 2008. O que significa que 39,7% da população entre os 16 e os 74 anos estavam excluídas da utilização da Internet, em Portugal, em 2012.

Os dados mostram que, apesar de uma tendência de crescimento, existe ainda uma significativa percentagem da população portuguesa excluída do acesso e da utilização da Internet. Esta exclusão afecta especialmente alguns segmentos da sociedade. Uma das divisões mais expressivas entre utilizadores e não-utilizadores da Internet acontece entre os mais novos e os mais velhos. Existe um claro fosso digital baseado na idade na sociedade portuguesa. Como podemos ver na Figura 1 (p.10), em 2011, 90,6 % da população com idades entre os 15 e os 24 anos eram utilizadores da Internet, em comparação com os utilizadores com 65 anos ou mais, que são apenas 5%. Na faixa etária entre os 55 e os 64 anos apenas 23,9% da população utilizava Internet.

A população sénior constitui actualmente uma importante fatia da população portuguesa, uma vez que a sociedade portuguesa é uma sociedade envelhecida. O envelhecimento da população é uma tendência global que em Portugal se agravou na última década. De acordo

com dados do INE (2012), enquanto que a população idosa cresceu de 16% em 2001 para 19% em 2011, a população jovem registou o movimento inverso: recuou de 16% em 2001 para 15% em 2011. Em 2011, por cada 100 jovens havia 128 idosos.⁶”.

“Com efeito, entre 1960 e a actualidade, o número de jovens diminuiu um milhão (representavam 29% da população e actualmente representam 15%) e o número de idosos aumentou 1,3 milhões (representavam 8% da população e actualmente já representam 19%). Hoje o grupo “65 anos e mais” contem mais pessoas do que o grupo de jovens, situação que aconteceu pela primeira vez, na História de Portugal, no ano de 2000.” (Rosa, 2012:27).

De acordo com Maria João Valente Rosa (2012), foi especialmente a partir da segunda metade do século XX que as sociedades começaram a confrontar-se com o fenómeno do “duplo envelhecimento” (quer na base, quer no topo da pirâmide etária). Este fenómeno, embora especialmente intensificado na Europa, é um fenómeno mundial. Portugal é actualmente, segundo Rosa (2012:27), e como já vimos, “um dos países mais envelhecidos do espaço Europeu, e como tal, do mundo”.

As projecções não prevêem que o processo de envelhecimento da população se reverta nas próximas décadas. “Os resultados prospectivos do Instituto Nacional de Estatística (INE) não deixam grandes margens para dúvidas a este propósito. A população de Portugal deverá continuar a envelhecer e poderá continuar a fazê-lo de modo particularmente intenso.” (Rosa, 2012: 28). Em 2060 o número de pessoas com 65 e mais anos poderá ser quase o triplo do número de jovens (idem).

O fenómeno da exclusão digital baseado na idade, em Portugal, não pode ser dissociado das baixas taxas de escolaridade características das gerações mais velhas. Em 2012 (PORDATA), 33,4% da população com 65 e mais anos não tinha qualquer nível de escolaridade completo, e 46,7 por cento da população dentro desta faixa etária tinha apenas o 1º ciclo de escolaridade. Logo, 80,1% da população com 65 anos ou mais tem apenas o primeiro ciclo ou menos escolaridade.

Apesar da população sénior ser o grupo com maiores taxas de exclusão digital, o uso das tecnologias da Informação e da comunicação em Portugal pela população sénior está a aumentar (Neves & Amaro, 2012). Por isso é importante perceber os tipos de uso, as

⁶ “A percentagem de jovens recuou de 16% em 2001 para 15% em 2011. Na população idosa assistiu-se ao movimento inverso tendo passado de 16% em 2001 para 19% em 2011.” (...) “A estrutura etária da população em 2011 acentuou os desequilíbrios já evidenciados na década passada. Diminui a base da pirâmide, a qual corresponde à população mais jovem e alarga-se o topo com o crescimento da população idosa.” INE (2012).

potenciais limitações e os benefícios que os mais velhos conseguem tirar da utilização da Internet. Dias (2012: 74), num estudo sobre as motivações e interesses dos seniores pelas tecnologias digitais, conclui que “subjacentes ao uso das tecnologias digitais por parte dos seniores da nossa amostra encontram-se funções de actualização pessoal e profissional, de comunicação, informação e conhecimento, de pesquisa de serviços de lazer e entretenimento e de convívio com familiares e amigos. Tais tecnologias são, portanto, um meio de inclusão sociodigital.”.

Perceber o tipo de utilização que os mais velhos fazem da Internet, o que os interessa e não interessa online, o que os motivou a começar a usar, que tipo de incentivo e apoio tiveram e têm para continuar a usar parece-nos importante, não só para perceber até que ponto os utilizadores mais velhos, que consideramos incluídos digitalmente, tiram benefícios da sua utilização, mas também para perceber que tipo de conteúdos, utilizações e potencialidades podem servir para incentivar outros utilizadores, excluídos digitalmente para integrarem programas de formação de novas tecnologias e se interessarem pelo uso da Internet.

3.3. O Facebook e o passado: memórias e reencontros

Um dos fenómenos mais interessantes que podemos analisar dos testemunhos empíricos que recolhemos é o tipo de utilização que os seniores entrevistados fazem do Facebook. Esta utilização tem traços muito comuns e características que nos parecem específicas das faixas etárias mais velhas. Nomeadamente na relação que os mais velhos estabelecem através do Facebook com o passado. Especialmente o seu passado, a vida vivida, a sua história e percurso individual, mas também a memória de locais onde cresceram, suas tradições e pessoas. Apesar de também utilizarem esta rede social para irem acompanhando os eventos mais marcantes das vidas dos familiares e amigos mais próximos, e terem uma relação mais constante com estes, os nossos entrevistados mostram maior entusiasmo no uso do Facebook como uma ferramenta de reencontro com pessoas e troca de memórias do passado. Todos os entrevistados reencontraram nesta rede social pessoas com quem tinham perdido o contacto há vários anos. Em alguns casos, apesar de algumas tentativas, nunca, antes do Facebook, tinham conseguido reencontrar amigos e mesmo familiares de quem tinham perdido o rasto. Na maioria dos casos os nossos entrevistados reataram laços e contactos regulares com amigos ou familiares que não viam há muitos anos e esses contactos não se ficaram pelo mundo digital, tendo motivado também reencontros pessoais, em alguns casos regulares.

Histórias de emigração, de migrações e do abandono das antigas colónias, estão na origem de perda de contactos entre amigos, como é o caso do seguinte testemunho.

“Através do Facebook eu encontrei muita gente. Quando eu saí de Moçambique, o grupo e as colegas, separámo-nos todos. E quando aderi ao Facebook comecei a ver os nomes. A gente lembra-se dos nomes do tempo do Liceu, então comecei a entrar em contacto com as pessoas, a saber se eram aquelas que eu pensava. E hoje esses quase 30 amigos, contactei-os ao longo deste cinco ou seis anos e começou a haver convívio entre nós. Eu vou a Viseu ou eles vêm cá, eu vou a São Pedro do Sul, eles vêm cá. E continuamos a dar novidades da nossa vida. “Olha nasceu-me um neto”, ou há um aniversário. Já não os via há 20 ou 30 anos.” (Perine, 71 anos).

Mas também há testemunhos de casos de reencontros e de reatar de laços e ligações com familiares distantes, com quem, sem ser pela Internet, a comunicação não era facilitada.

“Por exemplo, um primo que eu tenho que estava em Nairobi, através do Facebook soube que eu estava em Lisboa, e contactou-me a dizer: “Olha eu agora já não estou no Kenya, agora estou no Dubai porque a minha empresa colocou-me aqui e tens uma casa aqui à disposição”. Se eu não tivesse computador, não estivesse na Internet, não sabia nada deles. Nunca tive presencialmente com eles. E hoje eu sei e eles sabem como é que eu pareço. Ele põe-me as fotografias: “estes são meus filhos”. Eu não conhecia, não sei se um dia hei-de lá ir e hei-de conhecer”. (Perine).

Mesmo quando a questão não passa pelo afastamento físico proporcionado por migrações, através do Facebook, os nossos entrevistados acabaram por reencontrar pessoas e estabelecer redes que os motivaram a reatar laços, fora do mundo digital, com quem por diversas razões tinham perdido o contacto.

“O Facebook e os contactos acaba por ser uma coisa muito engraçada porque nós, mesmo sem querer, encontramos amigos, e começamos a falar com os amigos e a discutir problemas e a falar. Que sem aquela coisa, sem aquele bichinho, não seria possível. E depois tem aquela coisa, como sabe, este é meu amigo, e depois tem um primo que também é meu amigo, e cria-se assim uma rede. Encontrei pessoas no Facebook que não via e com quem não falava há bastante tempo, é verdade. Amigos meus, colegas de uma das firmas de onde eu trabalhei que nos reunimos assim de vez em quando em almoços. E esse grupo surgiu precisamente porque eu tinha um contacto de uma amiga, que tinha o contacto de outra amiga e depois apareceram mais

duas, e mais outra, e portanto... Depois combinamos um sítio para nos encontrarmos, almoçámos e recordámos coisas. Mas aquilo foi realmente uma mola, contribuiu bastante para a gente se voltar a falar e etc.” (Paulo, 63 anos).

“Encontrei um amigo que não procurava e que desapareceu, daqueles amigos que desaparecem. Foi um amigo de infância, a gente dava-se bastante bem e até tivemos dificuldade em nos reconhecermos. Ainda nos encontramos pessoalmente, o que ainda valeu um par de lágrimas. E foi através do Facebook. E agora contactamos regularmente, através do Facebook, ele diz qualquer coisa. Agora já temos outros meios mais fáceis, telefone, mas foi muito engraçado. Era um indivíduo que eu não via há mais de 40 anos.” (Manuel, 60 anos).

“No Facebook encontrei muitas pessoas da escola primária. No Facebook em vez de estarmos ao telefone, vamos tendo notícias por ali, fotografias actualizadas.” (Maria, 64 anos).

Outro testemunho mostra que o Facebook também serve de plataforma agregadora de memórias do passado, através da criação de páginas ligadas à terra natal que se abandonou, da partilha de histórias, fotografias, músicas, etc.

“O Facebook foi por causa de um amigo, muito querido, que morreu e que era um excelente músico. (...) E os amigos juntaram interpretações dele, músicas, um bocadinho da vida dele, no tal Facebook. E aí está, mais uma vez por necessidade: “Não, eu tenho que ir para matar saudades deste companheiro”. Porque nós depois conseguimos colocar fotografias dos tempos de miúdos, porque ele era meu amigo de infância. Mais uma vez por necessidade absoluta lá entrei. Porque isso só está no Facebook, na página da terra, digamos assim. E quis acompanhar e ver o que se tinha feito. E também dar o meu contributo. Lá fui eu. Depois pronto, achei giro começar a encontrar amigos. O que eu acho fascinante nisto é estar a aparecer uma pessoa que a gente já não vê há muitos anos e que, de repente, aparece ali. Tenho muitos amigos, muitos que já não vejo há muitos anos, e que agora curiosamente aparecem no Facebook.” (Manuel).

“Criei o grupo no Facebook, Almaceda, que era a terra dos meus pais, e vamos pondo fotografias de Almaceda. A minha ideia era utilizar o grupo para o

conhecimento das histórias antigas, que ficassem ali compactadas. Mas as pessoas às vezes acabam por só falar no Benfica.” (Maria).

O seguinte testemunho aponta esse reviver o passado, o contacto com as pessoas e com as memórias de outros tempos como a única coisa que encontra de relevante no Facebook:

“No Facebook o que mais gosto é o tal reaparecer de amigos de longa data. Depois a gente começa a ver as feições, como mudamos todos. Uns estão mais gordos outros mais magros. É mais isso, porque depois os conteúdos, sinceramente... (...) Neste momento contam-se 164 amigos que eu entretanto arranjei e são dois ou três que transmitem para ali aspectos interessantes e trazem questões, ou informações ou dicas interessantes. O resto sinceramente é muito pobre. Às vezes o que tem mais interesse é aqueles amigos da minha infância, da minha terra, esses sim. Esses inclusivamente, aquilo espremido não dá nada é só o facto de a gente estar em permanência a ver pessoas que em circunstâncias normais eu via de mês a mês, às vezes passava anos sem ver. E de facto há ali uma proximidade. Nós sentimo-nos assim próximos das pessoas. Nesse aspecto dá-me certa satisfação. Mas como lhe digo é mais pelo facto de ter ali pessoas que foram próximas, que estão afastadas há anos e que a gente ali, no momento, contacta, nem que seja pela fotografia.” (Manuel).

3.4. Sentimento de solidão e necessidade de pertença: motivações para o uso

Alguns entrevistados tiveram os seus primeiros contactos com o computador ainda no local de trabalho. Essa utilização em contexto laboral limitava-se a programas específicos e não passava pela utilização da Internet. Além disso, mesmo a capacidade de utilização destes programas em contexto de trabalho era débil. No entanto, parece-nos que o contacto prévio com o computador em contexto laboral pode, nestes casos, trazer uma confiança adicional para explorar depois, durante a reforma, outros usos do computador.

“Quando estava a trabalhar era raríssimo [usar a Internet]. Usava era muitas aplicações informáticas no meu sistema de trabalho. Era fundamental. [Lidava com o computador no trabalho?] Não muito bem, sempre com algumas dificuldades. E essas dificuldades também se reflectiram no meu trabalho. Começaram as minhas dificuldades de adaptação.” (Manuel).

“Trabalhava com computadores, mas com aqueles programas já feitos. Internet não (...) Trabalhar no computador, sem ser na Internet, não tem nada a ver. Não me deu conhecimento nenhum, nem base nenhuma. Em termos práticos, acho que não”. (Maria).

A vontade de pertencer, de poder participar nas conversas, de entender o que a família, amigos ou a comunicação social fala são alguns dos motivos para o interesse em aprender a utilizar a Internet e o Facebook, como aconteceu no caso do seguinte testemunho.

“A partir de uma certa altura eu achei que tinha saber qualquer coisa de computadores. Porque achei que os sobrinhos, os filhos, quando se juntavam, falavam de coisas que eu não entendia. E não podia participar nas conversas, nas reuniões de família. Aí isso não. Isto não é comigo. (...) Agora quando há reuniões de família a gente participa na conversa. E percebo, quando eles estão a falar de qualquer coisa, eu entendo perfeitamente do que é que eles estão a falar. Há coisas que eu não sei, mas estou atenta e no dia seguinte lá vou eu ver se é aquilo que eu pensei, e é.” (Perine).

A solidão e a necessidade de preencher tempo livre é também apontada como o principal motivação para começar a usar ou continuar a utilização da Internet.

“É conversa, sabe, é que eu sou muito sozinha, e então o computador é a minha companhia. Para ler e tudo. Livros, filmes, vou ao Google e entretenho-me, nunca mais me senti sozinha.” (Perine).

“[Por que começou a utilizar a Internet?] Solidão. Estar a trabalhar num sítio que não gostava. E isso trazia-me para casa uma certa frustração, uma certa negatividade. Comecei a ter em casa um computador, assim daqueles brutos, e comecei a ir por curiosidade. E inscrevi-me em tudo o que era sites.” (Maria).

“[Se tivesse de deixar de usar a Internet] depois o que é que eu ia fazer para estar entretido? Porque aquilo hoje em dia já funciona um bocado como escape, quando não temos nada para fazer, vamos para a Internet e passamos ali... Eu embora esteja reformado e tenha muitas coisas que me ocupam tempo, mesmo assim todos os dias tenho de ir ao computador e ver, e jogar um bocadinho, e tal.” (Paulo).

“Ocupar tempo, mais, foi mais o ocupar tempo. Ao final do dia, eu saía do trabalho... Eu fui casada, fui divorciada, tive duas uniões de facto, vivi com o meu filho. Depois decidi estar sozinha e bem acompanhada com os meus gatos. E aí, o fim do dia, às vezes sentia-me sozinha.” (Maria).

Alguns dos entrevistados recorreram a aulas de informática para seniores para adquirirem competências para começar a utilizar a Internet e o computador.

“Eu ainda estou a aprender. Estou em multimédia na Universidade Sénior por causa disso.” (Maria).

“Nós na nossa comunidade [Comunidade Ismaelita] temos muitos programas e formações para seniores. Quando soube que havia aulas de computador, nível 1, que é o básico, comecei. Depois fiz o básico, o nível 2 até o nível 3. No nível 3 é que eu aprendi o Facebook, essas coisas todas.” (Perine).

3.5. O fascínio pela facilidade de acesso à informação

A facilidade de acesso à informação através da Internet parece ser um dos maiores fascínios que os entrevistados vêem na Internet, não só em termos de uso que fazem actualmente da ferramenta, mas também em termos da potencialidade de acesso à informação que lhe está inerente. Isto é, quando interrogados sobre o que teria sido diferente se tivesse existido Internet durante todas as suas vidas, o acesso à informação e ao conhecimento é o mais destacado, embora nem sempre apontem o acesso à informação como uma das actividades actualmente mais relevantes para eles na Internet. Acreditam, no entanto, que é a potencialidade de que mais teriam tirado partido e que mais teria mudado as suas vidas se existisse quando eram mais jovens.

“Hoje já não há paciência, às vezes quero aprender, mas já não tenho paciência. Se tivesse começado a usar antes acho que tinha feito muito mais coisas, que agora não tenho paciência. Aqui a curiosidade não é querer aprender o que é que se passa aqui o que é que se passa ali. Aqui a curiosidade são coisas banais”. (Perine).

“[Uso a pesquisa] Quando eu quero saber coisas, investigar coisas, mas não é assim uma coisa que eu faça todos os dias.” (Paulo).

“A informação, às vezes havia palavras simples que eu queria ir consultar ao dicionário, agora vou mais facilmente à Internet. Eu sempre gostei de conhecer, tenho uma veia de autodidata. E a Internet facilitou, muito, muito. Isso parece-me que é muito importante, essa mudança. O acesso rápido ao conhecimento. Mas a Internet teve uma importância grande na aquisição do conhecimento.” (Manuel).

“Deixei de usar dicionários, deixei de usar muitos livros de pesquisa. Porque ali há tudo e mais alguma coisa.” (Maria).

Os temas mais comuns de pesquisa de informação na Internet dos entrevistados são geralmente relacionadas com saúde, informações para o dia-a-dia e curiosidades.

“O meu marido morreu de cancro no rim. Então eu vou saber o que é, os sintomas. Ligadas à saúde muito. Por exemplo, quero fazer uma dieta, qual é a dieta melhor, que se dá bem comigo. E curiosidades, às vezes a gente vê qualquer coisa. Às vezes eu leio uma palavra - a gente agora já não fixa tudo - então lá vou eu. Há um país - eu gosto muito de geografia - quero saber a produção, o que é que faz o que é que não faz, lá vou eu. Curiosidades, agora a paciência para ler já não é muita e assim é muito mais fácil, é só um clique e a gente tem a informação toda.” (Perine).

“Uso mais em termos de pesquisa de conhecimento, dos mais variados assuntos, desde a saúde à escrita, enfim, à arte. Mais na procura desses conhecimentos. Essencialmente isso. Pouco mais do que isso faço.” (Manuel).

Em geral os testemunhos recolhidos mostram um reconhecimento dos benefícios da Internet nas suas vidas. Dizem ir todos os dias à Internet e a maioria admite que se tivesse de deixar de utilizar a Internet sentiria muita falta, principalmente em relação à companhia que conseguem online e do tempo que não teriam preenchido ou não saberiam como preencher sem a utilização da Internet.

3.6. Relações Intergeracionais

Para os seniores com quem conversámos, a utilização da Internet e do Facebook é um fomento das relações intergeracionais. Não só porque estão mais preparados para conseguir decodificar e participar nas conversas dos mais novos, mas também porque a ajuda na

aprendizagem e na utilização da Internet é feita normalmente por familiares, amigos e colegas mais jovens. Estas relações intergeracionais são, por isso, fomentadas quer a nível familiar, quer entre colegas, amigos, ou membros da comunidade social em que se inserem.

“Há mais convívio familiar, entre os jovens e pessoas da nossa idade. Porque nós, na nossa família somos à volta de 60, 70 pessoas, e de vez em quando juntamo-nos. Há quatro gerações, a minha geração, agora neste momento é a mais velha. Então nós conversamos todos, e às vezes podemos não participar na conversa, mas a gente entende aquilo que eles estão a falar [agora que são utilizadores da Internet]. E de vez em quando dizemos qualquer coisa, mas então afinal o que é que é isto, e eles lá nos explicam e ficam muito felizes porque a gente percebe.” (Perine).

“Quando eu não sei telefone: “Magda, eu não sei”. E ela por telefone explica-me e eu faço. Aquilo que eu quero aprender, eu falo com a minha filha, e ela vai-me ensinando, e eu vou aprendendo.” (Perine).

“O meu irmão também vai ao Facebook, o meu filho também vai ao Facebook, portanto, há muitas coisas que eu publico e depois eles comentam, as mais variadas coisas, inclusivamente os nossos amigos políticos, o Gaspar é um deles.” (Paulo).

Mas muitas vezes os filhos não são os familiares mais próximos que apresentam maior disponibilidade para ajudar os pais na sua utilização da Internet.

“Quando tenho dúvidas pergunto a um amigo, aposentou-se há mais tempo do que eu. E quando tenho dúvidas, pergunto-lhe. A minha filha também, mas enfim tem uma vida extremamente ocupada, não tem tempo para isso. Também não é grande especialista, usa ferramenta para necessidades dela. Mas regra geral recorro sempre aos amigos.” (Manuel).

“Quando eu quero saber alguma coisa, peço ao meu filho. Mas o meu filho é como muitos filhos, ele em vez de me explicar vai ao computador e faz. Já está: “Mas pá, não é isso que eu quero, eu quero é que tu me expliques.”” (Paulo).

A relação que se estabelece entre avós e netos através do Facebook também é significativa. Mas parece haver uma tentativa de não interferir muito nos perfis dos familiares mais

próximos, como filhos e netos. No caso de seguinte testemunho, houve uma inversão de papéis e foi a própria avó a criar o perfil no Facebook das netas.

“Fui eu que inscrevi as minhas netas no Facebook. Eu prefiro juntar-me do que ser surpreendida. Então preferi ser eu a inscrevê-las, eu sabia a password delas. As duas ainda têm hoje o mesmo perfil. (...) Às vezes elas põem alguma coisa mais maluca e eu ponho um gosto, para dizer: “eu vi”. Mas não faço grandes comentários. O meu filho, eu não interfiro muito na parte dele, somos amigos, mas não interfiro na página dele e ele não interfere na minha.” (Maria).

“Com familiares falo muito pouco [pela Internet] apesar de toda a gente estar na rede.” (Manuel).

3.7. O interesse pelos conteúdos

Os entrevistados mostraram-se satisfeitos com o uso que fazem da Internet e do Facebook. E a maioria bastante motivada em relação a estas ferramentas. No entanto, podemos perceber pelos testemunhos que recolhemos que este uso é bastante específico ou limitado geralmente às questões do passado e das memórias e que os entrevistados têm alguma rejeição em relação à utilização que é feita em geral da Internet e do Facebook. Parece-nos que aqui há uma questão geracional, as pessoas mais velhas não gostam do carácter aberto, de exposição da vida privada, da falta de privacidade da rede social. Parecem também não se identificar com grande parte dos conteúdos que vêm publicados. Realçam sobretudo comentários desadequados e partilha de informações irrelevantes e corriqueiras.

“Eu vou pouco ao Facebook porque não há muita privacidade, prefiro, por exemplo o Messenger, ou então Skype. Porque às vezes há comentários um pouco desagradáveis, não gosto.” (Perine)

“No Facebook não gosto de ver publicadas algumas coisas, que eu compreendo que muitas vezes seja necessário, que é no sentido de ajudar. Mas aquelas coisas das crianças com cancro e não sei quê... Embora aceite e compreenda que é um bom veículo de transmissão. Não gosto como entra na esfera muito pessoal das pessoas, aquilo publicado e toda a gente fica a saber. Acho que isso é uma das coisas que não devia ser assim anunciada e publicada e partilhada da maneira que é.” (Paulo)

“Neste momento contam-se 164 amigos que eu entretanto arranjei e são dois ou três que transmitem para ali [Facebook] aspectos interessantes e trazem questões, ou informações ou dicas interessantes, o resto sinceramente é muito pobre. (...) Mas como lhe digo é mais pelo facto de ter ali pessoas que foram próximas, que estão afastadas há anos e que a gente ali, no momento, contacta, nem que seja pela fotografia. O resto dos conteúdos, sinceramente... E cada vez me interessa menos, já não tenho vontade de estar ali. As coisas que aparecem são de facto muito pouco interessantes.” (Manuel)

“Aquilo que me incomoda não faço, ou não vou. Não há nada que me incomode. Irrita-me, por exemplo, as pessoas irem para o Facebook dizer: “agora vou fazer xixi, até já”. Para esse tipo de informação não tenho pachorra.” (Maria).

3.8. Segurança e confiança

Em relação ao sentimento de segurança ao utilizar a Internet e o Facebook, os entrevistados, mostram à partida que não se sentem inseguros e que não têm cuidados especiais ao utilizar a Internet. No entanto, a maioria deles não faz utilizações que impliquem um maior factor de risco/confiança, como fazer compras ou, por exemplo, aceder à sua conta no banco.

“Transferências financeiras não faço. Nem compras online, nada. Tudo o que peça contas bancárias e dinheiro não faço. Não confio muito, não confio nada.” (Manuel).

“Eu nunca iria fazer uma transferência bancária na Internet, nunca faria compras na Internet. Porque a gente ouve e vê no noticiário as coisas que acontecem. Acho que o computador avançou e evoluiu muito o mundo, mas também fez muitas coisas más.” (Perine).

Apenas uma entrevistada diz utilizar os serviços de banco online. Teve formação para o fazer e tem indicações do formador de como proceder e que cuidados ter.

“Eu faço pagamentos através da Internet. Não tenho receio, tenho um professor de multimédia que diz para não ter. Normalmente tenho cuidado, se vou ao banco, não demorar muito tempo no site. Há certos sites que não demoro a utilizar. É o cuidado que tenho. E tento sempre fazer log out.” (Maria).

Ainda assim, sem utilizarem as potencialidades da Internet a estes níveis, os entrevistados estão satisfeitos com a utilização que fazem da Internet, e não sentem necessidade de aprender mais, de fazer outro tipo de utilizações. Parecem sentir-se orgulhosos com a utilização que já fazem, e parece que em geral, as pessoas não esperam deles uma utilização mais avançada.

“Aquilo que eu sei fazer acho que me chega muito bem.” (Paulo).

“Há muita coisa que eu não sei. Mas também nesta altura, não me estou a esforçar para saber. Acho que é suficiente o que eu sei. E, aos poucos, por mim mesma, vou vendo e se realmente me interessa.” (Perine).

Ainda que negando um sentimento de insegurança na utilização da Internet, os testemunhos mostram uma utilização muito cuidadosa, mesmo em relação às informações que expõem ou comentários que fazem nas redes sociais. E apenas uma entrevistada já conheceu pessoas através da Internet.

“No Facebook tenho muito cuidado, raramente faço comentários, quando os meus amigos me mandam coisas faço um comentário assim alegre, não respondo, depois se quiser falar com eles falo no Messenger ou no Skype. Assim dizer coisas à vontade no Facebook eu não digo.” (Perine).

“Eu no Facebook também não... Meto-me sempre com as mesmas pessoas. Embora seja uma coisa aberta acaba por ser um circuito fechado, também. Eu sou muito cuidadoso com isso.” (Paulo).

3.9. Entretenimento, hobbies

Para além do uso para procura de informação e como forma de comunicação, dois dos nossos entrevistados também utilizam o computador para entretenimento e como extensão dos seus hobbies.

“Eu passo muito tempo no computador, mas basicamente estou viciado num jogo chamado Cityville.” (Paulo).

“Eu tenho muitos amigos [no Facebook] que são amigos por causa do jogo. Porque o Cityville se você convidar os vizinhos mais ganha. Por isso, é preciso muita gente.” (Paulo).

“Na Internet, eu sou uma louca por fotografias. Normalmente uso o Picasa. No Facebook tenho muitos álbuns de fotografias, cada um com a sua faceta. A família, os amigos, os meus gatos, partilho escritos e aquelas imagens com que me identifico.” (Maria).

“Eu gosto muito de fotografia, mas eu não sei trabalhar com a máquina, eu sabia lá o que é que era um diafragma, lá vou eu buscar [pesquisa na Internet]. Das mais variadas coisas. E depois fico ali horas. Porque uma leva à outra, outra leva à outra.” (Maria).

“No Facebook andei no Farmville não sei quantas noites.” (Maria).

No entanto, outro testemunho, apesar de utilizar a Internet, diz que esta actividade não se encontra entre os seus hobbies.

“Eu gosto muito de ler, tenho mais prazer na leitura do que na televisão e no computador.” (Manuel).

E até, que se tivesse de deixar de usar a Internet, não iria sentir falta.

“[Se tivesse de deixar de usar a Internet ou o Facebook acha que lhe fazia falta?] Acho que não. Teria algumas dificuldades mas não me causaria assim grande transtorno. Eu gosto muito de ler, leio tudo, até leio “A Bola” à segunda-feira. E gosto muito de conversar, no mínimo por telefone.” (Manuel).

Alguns seniores conseguiram desdobrar os seus hobbies, como a fotografia, para o computador e a Internet, outros encontraram novas formas de entretenimento, de passar o tempo, como os jogos online. No entanto, outros testemunhos, apesar de usarem a Internet e de encontrarem alguns pontos de interesse na ferramenta, continuam a manter os seus hobbies fora do mundo online e mostram preferir outras actividades.

CONCLUSÃO

Devido à centralidade da Internet nas sociedades actuais, a exclusão digital é cada vez mais sinónimo de exclusão social. Vários estudos já se debruçaram sobre o fenómeno da exclusão digital e o seu impacto na sociedade. No entanto, uma das suas configurações mais evidentes, a exclusão digital baseada na idade, é ainda uma forma de *digital divide* pouco estudada.

Este fenómeno é especialmente preocupante quando uma das grandes tendências que as sociedades actuais enfrentam, paralelamente à crescente mediação da sociedade por tecnologia, é um rápido e crescente envelhecimento da população, que remete para a necessidade de repensar o papel da população sénior - uma fatia cada vez maior da população - nessas sociedades.

Em Portugal, quando tentamos perceber a exclusão digital da população sénior, não podemos deixar de ter em conta o baixo nível de escolaridade que estas faixas etárias apresentam. Este parece ser, dentro das várias variáveis sócio-demográficas influentes, a que tem maior interferência na capacidade de utilização do computador e da Internet nestes grupos etários. No entanto, estudos anteriores (Dias, 2012; Morris, Goodman & Brading, 2007; Selwyn et al, 2003) mostraram-nos que uma das razões frequentemente apontadas pelos mais velhos para a não utilização da Internet e do Facebook é a falta de interesse. É por isso que neste estudo nos propusemos a aumentar o campo de conhecimento sobre a temática do ponto de vista do idoso, analisando o que motiva, o que mais interessa e que tipos de utilização fazem os seniores da Internet, em geral, e em particular da rede social online mais abrangente, o Facebook.

Apesar de demonstrarem um fascínio pela facilidade de acesso à informação e ao conhecimento que a Internet permite e de a utilizarem para pesquisar informação, especialmente a nível da satisfação de curiosidades ou informações úteis para o dia-a-dia, parece-nos que o maior foco de interesse da população sénior na Internet é o acesso a relações pessoais, contactos e às suas memórias. “People on the net are not only looking for information; they are also looking for affiliation, support, and affirmation.” (Ito, 2001:2).

São aliás factores como a solidão, a necessidade de ocupar tempo e a necessidade de compreender aquilo de que outros falam, de modo a poder participar nas conversas, integrar-se nas suas comunidades, os mais apontados como motivações para começar ou continuar a usar a Internet e o Facebook.

Uma das mais interessantes constatações do nosso estudo é a relação que os mais velhos estabelecem, através da Internet, com o passado e com as suas memórias pessoais, e da

importância que esta relação tem nas suas vidas. O Facebook assume, para estes utilizadores mais velhos, um papel possibilitador de reencontros e de reatar de laços pessoais e contactos perdidos há muitos anos. Esta utilização que os seniores fazem do Facebook muito voltada para o passado, onde valorizam predominantemente a partilha de memórias, imagens histórias e contactos relacionados com o seu passado, parece-nos merecedora de um estudo mais aprofundado.

No entanto, além desta relação com o passado, os mais velhos, mostram-se desconfortáveis com o carácter público do Facebook e são muito cuidadosos e minimalistas na sua utilização. Normalmente serve de agregador de contactos que depois se continuam de forma mais privada, quer online (Skype, etc) quer offline. Erikson (2001:5) já tinha realçado esta característica na utilização dos mais velhos do Facebook: “While Facebook did provide connections to love ones, it was not the forum for significant interaction”.

O limitado conhecimento que os idosos apresentam da tecnologia também pode estar na origem do seu uso cuidadoso e minimalista do Facebook (idem). No entanto, num contexto em que a confiança é cada vez mais produzida pelos indivíduos do que garantida institucionalmente (Giddens, 1991) parece-nos que os idosos confiam tanto mais da rede social online quanto maior número de pessoas confiam e participam nela, e quanto mais as pessoas em quem confiam participam nela. Sendo assim, o que é valorizado é a confiança conquistada e sustentada pela “ordinariedade da vida de todo o dia e pelas consistências da linguagem e da experiência. (Silverstone, 1999).

Os mais velhos tendem a ter uma certa atitude de precaução quando à natureza pública no Facebook mas também parecem ter algum desinteresse por grande parte dos conteúdos que são publicados na rede social online. Vários factores poderão explicar este fenómeno: Devido ao seu carácter aberto, é possível que a Internet tenha sido moldada quer tecnologicamente, quer em termos de conteúdos pelos seus primeiros utilizadores (Castells, 2001). Sendo os idosos em geral utilizadores muito tardios da Internet, e estarem geralmente mais no lado da recepção do que no lado da criação de conteúdos e tecnologia (Arnold & Faulkner, 1985), podem estar sujeitos a uma menor identificação e conseqüente desinteresse pelos conteúdos ou mesmo pelas características da tecnologia. As tecnologias ao mesmo tempo que moldam a sociedade são moldadas por ela (Silverstone et al, 2003). No entanto, os mais velhos parecem apresentar uma maior dificuldade em apropriar-se e converter o sentido, em domesticar a tecnologia (Silverston & Hirscht, 1992), não conseguido com facilidade adaptá-la ao seu dia-a-dia, aos seus hábitos e interesses mais específicos.

A questão geracional também parece ter influência no fenómeno, uma vez que a pertença a uma determinada geração tende a condicionar a identidade e funciona com uma espécie de subcultura em relação aos tipos de consumo dos *mídia*, na construção de quadros comuns de interpretação de textos mediáticos e na predisposição para processos de domesticação das tecnologias na comunicação (Arnoldi, & Colombo, 2007). “Generational belonging seems to be a significant variable also as far as media skills are concerned.” (idem). Não perdendo de vista a ideia de que os idosos, ou qualquer outra faixa etária, não são um grupo homogéneo e não podem ser estudados como tal (Loos, 2012), as gerações mais velhas parecem partilhar alguns valores, ideais, gostos, sensibilidades e preferências (Arnoldi, 2011) que não são partilhados e não se reflectem na utilização da Internet e em especial do Facebook por outras gerações.

Os idosos que utilizam a Internet tendem, independentemente do nível de capacidade de utilização que demonstram, a estar muito satisfeitos pelo facto de já utilizarem a Internet e afirmam não sentir necessidade ou vontade de saber mais e fazer uma utilização mais proficiente. Esta situação parece-nos castrar a possibilidade de adquirir novas aprendizagens e de alcançar novos benefícios através da utilização da Internet. Na origem desta atitude podem estar os discursos negativos que a sociedade produziu e continua a produzir sobre os idosos, sublinhando as situações de iliteracia científica e tecnológica a par de situações de pobreza, isolamento, doença e dependência (Dias, 2012; Mauri, 2001). Estes discursos reproduzem na sociedade a aceitação generalizada de que os idosos não querem ou não conseguem utilizar o computador e a Internet. Concomitantemente aos discursos negativos sobre a velhice, predomina na sociedade também um discurso positivo sobre esta etapa da vida, onde “os idosos são projectados como segmentos específicos de consumos, associando a velhice a um tempo de lazer, de liberdade e de auto-aprefeiçoamento.” (Mauritti, 2001:341). Para além deles, o conceito de envelhecimento activo procura promover a integração social e laboral dos idosos (Mauritti, 2001). Dele emergem, entre outras, políticas de promoção da aprendizagem das novas tecnologias da informação e da comunicação pela população sénior.

É através do acesso ao ensino direccionado aos mais velhos que alguns idosos do nosso estudo dizem iniciar a sua aprendizagem e utilização do computador e da Internet, revelando um papel importante destas formações neste processo.

Apesar de as relações intergeracionais serem motivação para o uso e saírem fortalecidas com a utilização da Internet pelos mais velhos (Selwyn et al, 2003), a verdade é que no nosso estudo percebemos que muitas vezes os filhos não têm tempo ou capacidade para ensinar os mais velhos a usar esta tecnologia. Logo, apesar de recorrerem aos familiares próximos, como

os filhos, para esclarecer algumas dúvidas, alguns idosos do nosso estudo optaram por participar em formações que lhes são especialmente dirigidas para adquirirem as suas literacias digitais.

Mas a capacidade de utilizar as novas tecnologias da informação e comunicação necessita de uma actualização constante. Ela não está centrada apenas no utilizador, depende também do meio, da tecnologia que se utiliza (Livingstone, 2004). Logo, as condições de acesso evoluem e alteram-se constantemente. É por isso que faz sentido repensar o ensino das novas tecnologias da informação e da comunicação. Um maior nível básico de competência tecnológica pode permitir adquirir capacidade de adaptação e de auto-aprendizagem ao longo da vida (Shelley et al, 2002). Nesse sentido surge a par como o conceito de literacia digital a ideia de “fluência digital”.

Para além das questões já referidas, as limitações biológicas inerentes à idade não podem ser esquecidas como um factor de condicionamento à utilização do computador e da Internet pela população sénior. Para além de problemas mais específicos é comum verificar-se, nas faixas etárias mais velhas, o declínio de funções visuais, auditivas, motoras e cognitivas (Loos, 2012) que devem ser tidas em conta nos momentos de concepção e design da tecnologia. São necessárias políticas que promovam um “design para a diversidade” (idem) que tenha também em mente os idosos.

Uma das questões que podemos ver colocadas quando analisamos a dimensão da problemática da exclusão digital da população sénior é se o problema não ficará resolvido com a natural passagem do tempo e o desaparecimento daquelas que são hoje as gerações mais velhas. Em resposta a esta questão parece-nos, em primeiro lugar, que a exclusão digital e as suas consequências são já bastante reais e penalizadoras para a população mais velha. Em segundo lugar, a esperança média de vida é cada vez maior de modo que a nossa sociedade ainda se confrontará com estas gerações e com este problema durante vários anos (Loos (2012). Em terceiro lugar, parece-nos claro que os *mídia* e a tecnologia estão em constante evolução (idem). Por vezes de formas imprevisíveis. “Today’s new media will be obsolete by tomorrow” (ibidem). Logo, com a população mais velha a tornar-se uma proporção cada vez maior da sociedade, e com a necessidade de repensar o papel dos idosos nesta sociedade, a problemática da integração digital da população sénior parece-nos de importância dos dias de hoje e no futuro próximo.

Apesar das limitações a nível da amostra do nosso estudo, ele permite-nos ter uma visão panorâmica daquilo que poderão ser algum dos principais interesses e usos dos mais velhos

da Internet e do Facebook, lançando algumas pistas para novos estudos e possíveis aspectos a ter em conta na aplicação de políticas para a integração digital dos mais velhos.

Em primeiro lugar, sendo as motivações para iniciar e continuar a usar a Internet relacionadas com a necessidade de companhia, de ocupar o tempo e de sentimento de pertença parece-nos que as políticas de inclusão deveriam ser o mais possível centradas nas ferramentas online que permitem atingir esse objectivo.

Parece-nos também que a valorização das questões relacionadas não apenas com a segurança mas também com a privacidade devem ser tidas em conta nas formulações destas políticas.

Mais do que adaptar os mais velhos à Internet, sugerimos que a aposta deveria passar por apoiar os mais velhos a domesticarem a tecnologia. Para isso, um maior conhecimento e mais estudos são necessários sobre o tema, do ponto de vista do idoso.

Parece-nos especialmente pertinente analisar as utilizações da Internet dos mais velhos do ponto de vista das gerações, tentando definir que gerações estão envolvidas e compreender de que modo as características geracionais influem no uso ou recusa da utilização desta tecnologia.

Igualmente interessante seria estudar de que modo os percursos de vida - além das variáveis sócio-demográficas, questões de interesse e limitações biológicas - influem no processo de utilização ou não utilização, interesse e capacidade ou falta de capacidade de domesticar a tecnologia.

Revela-se essencial aumentar o ainda residual conhecimento sobre os usos dos seniores da Internet ou as razões para a sua não utilização – do ponto de vista de quem está a passar por essa fase da vida - de modo a poder construir mecanismos e políticas para a sua integração digital direccionados e eficazes.

FONTES

INE (2012) Censos 2011. Resultados Definitivos. Lisboa: INE

INE (2012) Sociedade da Informação e do Conhecimento. Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias. Lisboa: INE.

OBERCOM (2012). A Sociedade em Rede em Portugal 2012 – A Internet em Portugal. Obercom.

PORDATA (2012) População residente com 15 a 64 anos e 65 e mais anos: por nível de escolaridade completo mais elevado (%) (Acedido a 18 de Junho de 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnoldi, Piermarco (2011) “Generational belonging Between Media Audiences and ICT Users” em Fausto Colombo and Leopoldina Fortunati (orgs.) *Participation in Broadband Society*, Volume 5, Frankfurt, Deutsche Nationalbibliothek.
- Arnoldi, Piermarco e Fausto Colombo (2007) “Generational belonging and mediascape in Euope”, *JSSE*, 1, pp. 34-44.
- Ávila, Patrícia (2008) “Os contextos da literacia: percursos de vida, aprendizagem e competências-chave dos adultos pouco escolarizado”, *Sociologia*. Vol. XVII/XVIII, pp. 307-337.
Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5521.pdf>
- Beck, Ulrich (1992) *Risk Society. Towards a New Modernity*, London, Sage.
- Cardoso, Gustavo, António Firmino da Costa, Cristina Palma Conceição e Maria do Carmo Gomes (2005) *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.
- Castells, Manuel (2004) “A Internet e a Sociedade em Rede”, em José Paquete de Oliveira, Gustavo Cardoso, e José Jorge Barreiros (orgs.), *Comunicação, cultura e tecnologias da informação*. Lisboa, Quimera, pp. 205-225.
- Castells, Manuel (2001) *A galáxia Internet. Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dias, Isabel (2012) “O uso das tecnologias digitais entre os seniores. Motivações e interesses.”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº68, pp. 51-77.
- Erickson, Lee B. (2011) “Social media, social capital, and seniors: The impact of Facebook on bonding and bridging social capital of individuals over 65”, *AMCIS Proceedings – All Submissions*. Paper 85.
- Fuchs, Christian (2008) *Internet and Society. Social Theory in the Information Age*. New York, Routledge.
- Espanha, Rita (2009) *Saúde e Comunicação numa Sociedade em Rede – o caso Português*. Lisboa, Monitor.
- Giddens, Anthony (1991) *Modernidade e Identidade Social*, Oeiras, Celta.
- Ito, Mizuko, Vicki L. O'Day, Annette Adler, Charlotte Linde and Elizabeth D. Mynatt (2001) “Making a place for seniors on the net: SeniorNet, senior identity, and the digital divide”, *ACM SIGCAS Computer and Society*, 21 (3), pp: 15-21.
- Lee, Young Seok, Tonya L. Smith-Jackson, Gyu Hyun Kwon (2009) Domestication of Technology Theory: Conceptual Framework of User Experience. *CHI*. 978-1-60558-247.
- Livingstone, Sonia (2003) “The changing nature and uses of media literacy”, *Media@LSE*.
- Livingstone, Sonia (2004) “What is media literacy?”, *Intermedia* 32(3), pp:18-20.
- Loos, Eugene (2012) “Senior citizens: Digital immigrants in their own country?”, *Obeservatorio Journal*, vol.6 – nº1, pp: 001-023.
- Mauritti, Rosário (2004), “Padrões de vida na velhice”, *Análise Social*, vol.XXXIX (171), pp. 339-363.
- Norris, Pippa (2001) *Digital divide: Civic engagement, information poverty, and the Internet worldwide*. New York: Cambridge University Press.
- Oliveira, José Paquete de, Gustavo Cardoso, e José Jorge Barreiros (orgs.) (2004). *Comunicação*,

- cultura e tecnologias de informação*, Lisboa, Quimera.
- Powell, Jason (2008) Aging and Social Welfare: The Case of Trust and Risk. *Sincronia*. Fall 2008.
- Prensky, Marc (2001) “Digital Natives, Digital Immigrants”, *On the Horizon*, Vol 9 N° 5, pp. 1-6.
- Rebelo, José (2011) *Ser Jornalista em Portugal. Perfis sociológicos*, Lisboa, Gradiva.
- Rosa, Maria João Valente (2012) *O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Selwyn, Neil, Stephen Gorard, John Furlong (2003) *The information aged: Older adult’ use of information and communications technology in everyday life*. School of Social Sciences, Cardiff University, Wales, *Working paper series*, paper 36.
- Silverstone, Roger, Eric Hirsch (1994). *Consuming technologies: media and information in domestic spaces*, New York, Routledge.
- Silvertone, Roger (1999) *Por que estudar a mídia?*, São Paulo, Edições Loyola.
- Van Dijk, Jan (1991) *The Network Society*, London, Sage.
- Warschauer, Mark (2004) *Technology and Social Inclusion. Rethinking the Digital Divide*, Massachusetts, The MIT Press.
- Wellman, Barry, Bernie Hogan, B (2004) “The Internet in Everyday Life”, em William Sims Bainbridge (ed.) *The Berkshire Encyclopedia of Human Computer Interaction*. Great Barrington, MA: Berkshire Publishing, pp. 389-397.
- Witte, James C, and Susan E. Mannon (2010) *The Internet and Social Inequalities*, New York, Routledge.
- Wilson Ernest J. (2004) *The information revolution and developing Countries*, Cambridge: The MIT Press.

ANEXOS

A - Guião de entrevista semiestruturada

Entrevista n°:

Data

Nome

Perguntas:

- 1) Quais as principais actividades que desenvolve na Internet em geral e no facebook em particular?
- 2) Descreva um pouco o que costuma fazer no Facebook.
- 3) E na Internet, sem ser no Facebook?
- 4) Como é que começou a utilizar a Internet? E o Facebook?
- 5) Quais foram as primeiras coisas que aprendeu na Internet?
- 6) O que é que mudou na sua vida desde que utiliza a Internet?
- 7) O que é que mais gosta na Internet? E no Facebook?
- 8) O que é que não gosta na Internet? E no Facebook?
- 9) O que é que tinha sido diferente na sua vida se já houvesse Internet quando nasceu?
- 10) O que gostava que fosse diferente na Internet?
- 11) Há alguma coisa que tenha visto na Internet ou no Facebook que a tenha incomodado?
- 12) Gostava de saber fazer alguma coisa na Internet que ainda não saiba?
- 13) Tem algum cuidado especial quando usa a Internet e o Facebook?
- 14) Continua a aprender coisas novas no sobre a Internet e o Facebook?
- 15) Há quanto tempo utiliza a Internet?
- 16) Com que frequência é que vai à Internet?
- 17) Encontrou alguma pessoa amiga que com quem não contactava há muito tempo no Facebook?
- 18) Já combinou encontros com algum amigo ou familiar pela Internet?
- 19) Já conheceu alguém pela Internet?
- 20) Se tivesse de deixar de usar a Internet, fazia-lhe falta?
- 21) O que é que acha da Internet?
- 22) E do Facebook?

ANA CATARINA BOTELHO CAMPOS REBELO

Nacionalidade: Portuguesa
Data de Nascimento: 08/02/1984
Morada: Campo de Santa Clara nº156, 4º
 1100-475 Lisboa
E-mail: catarina.c.rebelo@gmail.com
Telemóvel: 914795407

FORMAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL

Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais (www.uminho.pt)	Portugal
10/2002 – 10/2007	Licenciatura em Comunicação Social (5 anos) – 14 valores Comunicação; Sociologia; Investigação em Ciências Sociais; Informática; Inglês; Francês; Jornalismo; Publicidade; Produção e Realização Audiovisual; Estágio de especialização em Jornalismo – Imprensa.
(02/2006 – 07/2006)	Programa de Intercâmbio (Erasmus) na INHOLLAND University, Diemen/Amsterdam (http://www.inholland.nl/amsterdam) International Media Communication and Management
2009	Formação Pedagógica Inicial de Formadores (CAP)

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

11/2012 - presente	Comunicação e gestão interna na Transparência e Integridade, Associação Cívica – TIAC (http://transparencia.pt), ponto de contacto nacional da Transparency International (http://www.transparency.org) Apoio à comunicação e gestão interna
04/2012 – 05/2012	GESTORA DE REDES SOCIAIS da 82ª Feira do Livro de Lisboa - Agência de Comunicação LIFT (http://www.lift.com.pt) Gestão da comunicação da Feira do Livro de Lisboa no Facebook e no Twitter.
05/2009 – 03/2012	ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO no INSTITUTO DE MEDICINA MOLECULAR – IMM (www.imm.fm.ul.pt) Gestão (desenvolvimento, redacção e actualização de conteúdos) do website da Instituição (Português e Inglês) Produção de materiais de divulgação interna como uma newsletter interna semanal (Inglês) Divulgação externa de eventos científicos Participação na organização de eventos científicos Participação na produção de materiais de comunicação e em eventos de comunicação de ciência desenvolvidos pela Instituição.
11/2007 – 12/2008	ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO no INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA TROPICAL – IICT (www.iict.pt) Produção de conteúdos para o website (notícias, entrevistas e reportagens) Edição e organização das publicações <i>Saber Tropical - 125 anos, Autonomia de Angola e Futuro e História da Lusofonia Global</i> Organização e divulgação do ciclo de conferências Ciência nos Trópicos Apoio à organização e divulgação do workshop científico internacional Committing Science to Global Development Organização e divulgação de eventos.
03/2007 – 06/2007	JORNALISTA no JORNAL PÚBLICO - estágio curricular (www.publico.pt) Redacção de notícias e reportagens na secção Local Lisboa

COLABORAÇÕES

- 01/2009 – 05/2009 **LE COOL MAGAZINE - Lisboa** (http://lisboa.lecool.com/lisboa/pt/current_issue)
Redacção de sugestões culturais em Lisboa.
- 2004 – 2008 **RASCUNHO.NET** (www.rascunho.net)
Redacção de notícias e críticas na área da cultura.
- 2004 – 2008 **ACADÉMICO – Jornal semanal da Universidade do Minho**
Redacção de notícias, reportagens e artigos de opinião.
- 2002-2004

ACTIVIDADES/INTERESSES EXTRACURRICULARES

- 10/2008 – 06/2009 Curso livre de Interpretação Teatral, no Espaço Evoé, Lisboa.
- 2009 Curso geral para o voluntariado – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária (ISU)
- 2006 Membro da direcção do grupo de Teatro da Universidade do Minho (TUM), Braga
- 2005 Curso de Sensibilização às Técnicas Teatrais pelo Teatro Universitário do Minho (TUM), Braga
- 2003 – 2004 Organização das VI e das VII Jornadas de Comunicação Social da Universidade do Minho
- 2002 – 2004 Membro da direcção do grupo dos alunos de Comunicação Social da Universidade do Minho (GACSUM)
- 2002 – 2004 Membro da direcção do grupo dos alunos de Comunicação Social da Universidade do Minho (GACSUM)
- 2001-2002 Curso de Iniciação às Técnicas Teatrais pelo Grupo de Teatro CEGADA, de Alverca

LÍNGUAS

PORTUGUÊS	NATIVO
INGLÊS	FLUENTE
FRANCÊS	PRÁTICO
ESPAANHOL	PRÁTICO

APTIDÕES INFORMÁTICAS

Microsoft Office Word/Excel/ PowerPoint/Publisher; Adobe Audition; Adobe Premier; Dream Weaver; pesquisa na Internet)
Noções de HTML e Adobe Photoshop. Experiência em plataformas de gestão de conteúdos de websites.

CARTA DE CONDUÇÃO

Sim